

# 15 MINUTOS PARA A FELICIDADE



**Johnny Machado Pereira**



# **15 MINUTOS PARA A FELICIDADE**

Johnny Machado Pereira



# 15 MINUTOS PARA A FELICIDADE



Johnny Machado Pereira

Copyright © 2016 by Johnny Machado Pereira

Diagramação: Johnny Machado Pereira

Capa: Johnny Machado Pereira

Revisão: Johnny Machado Pereira

---

P436m Pereira, Johnny Machado

15 Minutos Para a Felicidade / Johnny Machado Pereira. 1. ed -  
Bicas, MG

Esta obra é uma produção independente.

Copyright [2016] by Johnny Machado Pereira

Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra.

- |                     |                            |
|---------------------|----------------------------|
| 1. Romance - Brasil | 2. Literatura brasileira   |
| 3. Autoconhecimento | 4. Desenvolvimento pessoal |

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Romance - Brasil CDD B869.3
2. Literatura brasileira CDD B869





## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e por permitir que eu possa me expressar e levar um pouco do que aprendi a outras pessoas. Agradeço à espiritualidade boa e amiga pelos momentos de inspiração que culminaram no desenvolvimento de diversas ideias aqui registradas. Agradeço aos meus queridos pais, Ângela Maria Machado Pereira e Carlos Costa Pereira e à minha namorada Ana Carolina Antunes Vidon, por simplesmente tudo. Meus agradecimentos a todos que contribuem para que a arte não morra.





## Dedicatória

Dedico esta obra a todos que procuram se encontrar na vida. A todos que buscam respostas e deixam as lamentações de lado para seguirem firmes em sua caminhada, dispostos a fazerem sempre o seu melhor.

Esta é uma obra de ficção.





## Prefácio

- Não me deixe! Por favor!

- Eu tenho mais uma chance para tentar fazer a diferença e mudar o meu destino.

Quantos segredos um sonho guarda entre o fechar e o abrir dos olhos? Quantas coisas você gostaria de se lembrar ao despertar? Quantos medos você supera em busca de seus objetivos? Como você está vivendo? Como a vida está vendo você?

Perguntas são essenciais para que possamos sair da zona de conforto e buscar as respostas. Nem tudo será do jeito que a gente quer. Mas com certeza, será do jeito que deve ser.

Tudo no universo está em equilíbrio. Ação e reação permanecem equivalentes na balança da justiça. Você é capaz de traçar seus caminhos e começar por si mesmo a mudança que tanto almeja. Não fique esperando pelo dia perfeito. Torne cada dia perfeito aos seus olhos. Saiba encontrar a felicidade em 15 minutos e estendê-la pelo resto de sua vida. Só depende de você.

Este livro mostra que mesmo na tragédia existe alegria. Mesmo na dor existe confiança de que dias melhores virão. Mesmo no abismo existe uma mão amiga para lhe ajudar. Basta ter olhos para ver, ouvidos para ouvir, e mente aberta para entender os sinais que a vida nos dá todos os dias.

Nada é impossível! Quem disse que seria, teve preguiça de tentar e achou mais fácil acrescentar duas letras antes da palavra original. Inspire-se e transforme-se!

# Capítulo 1

Mais um dia gelado amanhecia na Polônia. Jack estava em casa, brincando com seu carrinho de madeira sobre o tapete da sala, enquanto seu pai trabalhava há alguns quilômetros dali e sua mãe fazia café na cozinha. Mais um dia gelado amanhecia na Polônia. Na sede do governo, a bandeira úmida mal conseguia tremular normalmente. Enquanto isso na residência dos Kotschy, o carrinho de madeira de Jack acabava de sofrer um capotamento provocado por uma ondulação no tapete.

Mais um dia gelado amanhecia na Polônia. Era manhã de 1º de setembro de 1939. O exército do general Shuler, braço direito de Hitler, marchava firme rumo ao seu primeiro alvo, no que seria o estopim para a Segunda Guerra Mundial. Jack, aproveitando o descuido de sua mãe que saboreava o café recém passado por ela, com algumas bolachas, sentada à mesa da cozinha; saiu sorrateiramente da sala de estar. Vestia um casaco de lã, gorro e calça de moletom. Pele clara e cabelos negros, 7 anos de idade a pouco completados.

Girando a maçaneta da porta de entrada, virou-se para trás e com um sorriso malicioso como de quem iria fazer uma travessura, Jack saiu em direção à rua. A neve acumulada sobre as casas e demais objetos espalhados, aos poucos caíam devido a pressão sonora que sentiam. Da boca de Jack, saía fumaça em abundância. Estava realmente muito frio naquele dia.

Não muito distante dali a tropa nazista rendia suas primeiras vítimas. Os tanques adentravam ruas e vielas de

Dantzig. Soldados fortemente armados matavam quem viam pela frente. Um clima de terror tomou conta da Polônia naquele instante. À frente da tropa, Shuler, de pé sobre um jipe com outros soldados fortemente armados, dava ordens e guiava o sentido a ser tomado.

Jack, abaixou-se na tentativa de fazer um boneco de neve. Juntou um pouco da massa branca com as mãos vestidas numa luva de lã, cor bege. Sua mãe ainda saboreava o café na cozinha da casa, totalmente distraída. No mesmo instante, os soldados nazistas rendiam famílias inteiras dentro de seus lares. Tiros e mais tiros podiam ser ouvidos a todo momento. Judeus, ciganos e homossexuais que caminhavam pelas ruas gélidas, foram simplesmente rendidos, decapitados, humilhados. Assim como todas as pessoas negras que estavam pelo caminho, por não fazerem parte do perfil de raça ariana defendido como modelo pelo ditador alemão.

Um clima de terror assolava a terra polonesa naquele instante. Shuler gritava e erguia os braços nas direções que desejava ocupar. Nada passava despercebido. E Jack estava na rota exata do horror nazista.

Sem nada saber sobre a capacidade perversa que um ser humano pode adotar, o menino atravessou a rua em direção a uma construção ali existente na tentativa de encontrar algo para ser o nariz de seu boneco. Sua mãe Judith começou a escutar barulhos que não lhe eram muito comuns. Ao tomar o rumo da sala, percebeu que seu filho não estava mais brincando. Chamou pelo seu nome, mas obteve o silêncio como resposta. Um sentimento ruim tomou conta de seu coração naquele instante. Ao abrir a

porta de entrada da casa, se deparou com todo um exército de homens sem escrúpulos unidos num objetivo em comum.

Rapidamente, Judith foi imobilizada pelos soldados.

- Vasculhem a casa. – disse Shuler.

Jack, percebendo os sons, também se interessou em ver o que acontecia. Retornou para a rua quando sua mãe lhe avistou e sem poder gritar, devido a mão do soldado estar lhe tapando a boca, viu quando Shuler se aproximou do jovem garoto.

- Oi rapazinho! Quer vir com o tio?

Com um aceno negativo de cabeça, Jack recusou a oferta. Entretanto, não foi o bastante. Erguido e colocado no jipe, recebeu as seguintes palavras do general como resposta:

- Menino mal! Vai comigo assim mesmo.

- Mamãe! – gritando, essa foi a única palavra que Jack conseguiu dizer enquanto via sua casa em chamas e sua mãe desolada na porta de casa, recebendo uma coronhada na cabeça e caindo ao chão.

Jack não fazia ideia do que estava acontecendo. Chorando, vendo sua mãe caída em frente à sua casa e com o corpo sobre o boneco de neve que havia começado a construir. Naquele momento o boneco pouco importava. Um sentimento até então desconhecido pelo pobre menino começou a lhe aparecer.

- Para onde estão me levando? Eu quero a minha mãe!

- Calma garoto. Vai aprender muito comigo. Tem sorte de ter gostado de você. O mesmo não posso dizer aos outros. - disse Shuler ordenando o fuzilamento de uma família que se encontrava do outro lado da rua.

Aquela cena nunca mais saiu da cabeça de Jack. Anos mais tarde ele saberia pelos noticiários que esteve bem próximo de um dos maiores carrascos que o planeta já viu, e que vivenciou em seu ponto zero, o início da Segunda Guerra Mundial. Foi roubado e acolhido pelo líder dos países do Eixo, grupo formado por Alemanha, Itália e Japão. O qual enfrentou de forma sangrenta e devastadora seus declarados inimigos Aliados: Inglaterra, União Soviética, França e Estados Unidos.

## Capítulo 2

Longe dali, July acordava após uma noite de sonhos amedrontadores. Seu poder de vidência e sensibilidade fora do comum eram notados e comprovados por todos que a conheciam. Se levantou e ainda sentada na cama, apoiou o peso do corpo sobre os braços na beirada do colchão, respirando aliviada por aquilo ter sido apenas um sonho. Se dirigiu ao banheiro e logo após à cozinha para tomar seu café da manhã.

- Bom dia, mãe! A sua benção!

- Bom dia, minha filha! Deus te abençoe!

- Papai já saiu?

- Já sim. Saiu agora a pouco para o trabalho.

- Sabe mãe, tive mais um sonho muito esquisito e triste esta noite.

- É mesmo, minha filha? O que foi dessa vez?

- Sonhei com um menino de 7 anos de idade chamado Jack Kotschy. Ele morava num país chamado Polônia que fica num planeta maior do que o nosso, cujo nome é Terra.

- Que estranho minha filha... Você sempre teve um dom de premonição e sonhos mirabolantes, mas sempre ficaram restritos ao nosso planeta Lux.

- Pois é, mãe... Também fiquei muito impressionada com este sonho. Após ele sair para brincar do lado de fora da casa, foi surpreendido por um exército que tomava a cidade declarando o início de uma guerra envolvendo todo o planeta. O capturaram e levaram-no consigo, deixando sua casa em chamas e sua mãe caída e desacordada.

- Cruzes, minha filha! - disse Ana, surpresa com o relato da filha.

- Pois é... Também estou muito impressionada com tudo isso.

- Melhor se arrumar e ir para a escola. Vai acabar se atrasando. E quanto ao sonho, tente esquecê-lo.

- Farei o melhor que puder, mamãe.

July vivia num planeta chamado Lux, pertencente à Via Láctea, porém tão pequeno que a NASA nunca foi capaz de detectá-lo, apesar de toda a tecnologia que a instituição dispõe.

O povoado onde July vivia, tinha como religião o culto ao Deus Supremo. Lá os povos não tiveram o privilégio dos ensinamentos de Jesus, como na Terra; porém, foram visitados por outros espíritos de luz, que deram origem ao nome do planeta.

Com cerca de mil moradores, Vilade poderia ser comparada a um pequeno nicho de pessoas que se conheciam e viviam como nos tempos medievais, conhecidos no planeta Terra. Residências em estilo gótico, geralmente de pedras e iluminadas exteriormente por tochas. A tecnologia demorava a surgir por ali e talvez este

modo mais rudimentar de vida, é que aproximava tanto as pessoas e promovia um clima mais acolhedor de se viver.

Os meios de transporte eram unicamente cavalos. Sejam puxando carroças ou simplesmente os animais selados e mais nada. Dinheiro, não existia. As pessoas trocavam o que precisavam e pronto. Todos produziam algo distinto e que era essencial para sua sobrevivência e conforto. O prazer em servir e poder ser servido, era muito maior do que um valor estipulado para determinada peça ou serviço.

Na escola, desde cedo as crianças aprendiam noções básicas de comportamento, cálculos, e como lidar com plantas e ervas na cura e tratamento de determinados males.

Era comum que as pessoas trabalhassem para si próprias; como Sebastian, pai de July, que cuidava de seu pedaço de terra com tamanho consideravelmente grande, onde cultivava diversas hortaliças.

O governo era o povo. O diálogo era a principal forma de decisão e de resolução dos problemas. Uma forma de vida completamente diferente do que estamos acostumados, porém não muito diferente de como já havia sido por aqui, antes que a ganância e a ambição tomassem conta de tudo.

Na escola, mais um dia comum entre os alunos. No intervalo, July, com o queixo apoiado sobre os joelhos dobrados, repousava sobre a mureta do corredor enquanto refletia sobre seu estranho sonho da noite passada. Os pensamentos iam e voltavam. Mil possibilidades diferentes povoavam a mente fértil e hábil da menina.

Nada demais aconteceu nas aulas que se seguiram e July voltou para casa no início da tarde para ajudar os pais nos afazeres domésticos. Menina gentil e doce, tinha 8 anos de idade, e desde os 4, sempre apresentou muitas visões em seus sonhos.

Diagnosticada por diversos especialistas de Vilade, não encontraram nenhuma justificativa para o fenômeno, porém, todos respeitavam, pois sabiam do poder de exatidão que possuía seus pensamentos. Certa vez, um camponês foi avisado por ela para que não passasse por um caminho que sempre usava para chegar à sua casa, pois haveria um desmoronamento de pedras no local e ele seria atingido. Não muito confiante numa menina tão pequena, foi assim mesmo. Por sorte, teve um problema com o arreio de seu cavalo, precisando descer para arrumar no exato momento em que viu um grande volume de pedras desmoronar em sua frente. Daquele dia em diante, July seria símbolo de confiança e admiração de todos.

A noite chegou, e ao jantar, a família Belgram conversava sobre o novo sonho da filha.

- Não fique impressionada minha filha. Não deve ser nada demais. – disse Sebastian.

- Mas eles tinham armas muito poderosas, papai. Eram tanques e metralhadoras. – afirmou July.

- O que é isso, minha filha?

- Coisas que ainda não temos conhecimento, meu pai. Mas foram os nomes que eu escutei no sonho.

- Tente ficar tranquila e tudo ficará bem. – respondeu Ana.

- Estou bem, mãe. Só me preocupo com Jack.

- É melhor irmos dormir. – completou Sebastian.

Deitando em sua cama, July recebeu um beijo carinhoso de seus pais enquanto olhava o brilho da lua que entrava pela fresta da janela de seu quarto.

- Boa noite minha filha!

- Boa noite, mãe! Boa noite, pai!



## Capítulo 3

O tempo passava e a angústia de Jack aumentava. A tropa nazista continuava sua marcha de dor por onde passava. Residindo em Auschwitz, nome de uma rede de campos de concentração localizados no sul da Polônia operados pelo Terceiro Reich, viu de perto todo o sofrimento de seu povo.

Foram dias difíceis. Dias de muita tristeza e lágrimas nos olhos. Ver toda aquela gente definhando dia após dia, não foi nada fácil. Jack era tratado muito bem. Queridinho de Shuler, nunca retribuiu o carinho com o qual era tratado. Fora arrancado de sua família e levado para o centro do holocausto mundial. Viu diversos outros serem exterminados um a um.

Por detrás de uma grade, se encontrou com seus pais pela última vez, no instante em que estavam sendo conduzidos para a câmara de gás. Naquele instante, o menino sabia que sua mãe não havia morrido no dia da invasão nazista. Já estávamos em junho de 1940, e tanto ela, quanto seu pai Ernest, foram capturados pelos soldados posteriormente e trazidos para Auschwitz.

Naquele mesmo 1º de setembro de 1939, Ernest foi liberado do serviço assim que os patrões souberam da invasão que a Polônia estava sofrendo. Saiu em disparada para casa e chegou minutos depois da tropa já ter passado por lá. Encontrou Judith caída bem em frente à porta de entrada da residência.

- Judith! Acorda, meu amor!

Mas nada...

- Oh, meu Deus! Você está ferida. – disse ele percebendo um pequeno ferimento na cabeça de sua mulher.

- Judith! Por favor, meu amor, fala comigo!

Ela então foi aos poucos retomando a consciência. Sentia muita dor na cabeça. Ao perguntar o que aconteceu, teve como resposta:

- Estamos sendo invadidos pelos alemães. Ainda não sei ao certo o que está havendo, qual o motivo para isto... Mas parece grave.

- Meu Deus... – respondeu Judith meio tonta ainda por causa da pancada.

- E Jack, onde está? – perguntou Ernest.

- Jack! – disse ela recobrando a lembrança num piscar de olhos. Como se tivesse tomado um susto tremendo, com olhos arregalados e boca entreaberta, continuou cabisbaixa:

- Jack foi tirado de nós, meu amor.

- Como assim?

- Eu estava na cozinha fazendo café, enquanto Jack brincava na sala. Não me dei conta de quando ele saiu. Quando percebi o barulho dos tiros e tanques se aproximando fui procurá-lo, mas já era tarde.

Ernest, sentado sobre o chão coberto de neve, ouvia tudo com muita atenção enquanto segurava o corpo de sua mulher em seu colo.

- Quando abri a porta de casa, me deparei com o exército bem a minha frente. Shuler pegou nosso filho e o colocou em seu jipe. Ordenou que colocassem fogo em nossa casa e recebi uma

coronhada na cabeça. Não me lembro de mais nada. Apenas do rosto triste de nosso filho indo embora enquanto gritava “mamãe”.

- Meu Deus! – apenas completou ele, vendo finalmente que sua casa pegava fogo.

- Venha comigo. Vamos tentar encontrar algum abrigo para nós.

Os Kotschy então, seguiram um rumo qualquer tentando encontrar um abrigo que fosse. Foram para casa de parentes e sempre que uma ameaça surgia, saíam novamente. Até que no fim de maio de 1940, foram finalmente capturados pelos soldados e conduzidos para Auschwitz.

Descendentes de americanos, seus traços eram um pouco diferentes das demais pessoas dessa região da Europa. Passaram por momentos horríveis dentro do campo de concentração. Viram torturas gratuitas sendo realizadas a todo momento. Sentiam frio, fome, sede e acima de tudo, muita saudade de seu filho que nunca mais viram.

Agora estavam eles, todos juntos novamente. Uma única grade os separava. Depois de meses sem contato algum, pais e filho se viram e a emoção tomou conta de todos. Jack queria ultrapassar a grade para abraçar os pais, mas era impossível.

- Filho!!! – disse Judith, emocionada.

- Mamãe! Papai!

- Oh, meu filho! Quanta saudade... – Ernest.

- Eu também estava. - completou o pequeno garoto que chorava muito.

Com as mãos unidas através da grade, eles contemplaram os últimos momentos que teriam juntos em suas vidas. Separados por soldados que viram o alvoroço na fila, mãe, pai e filho se olharam e trocaram seus últimos gestos de amor.

- Faça a diferença no mundo, meu filho! - disse Ernest.

- Nós o amamos, Jack! - afirmou Judith.

- Deixa eu ficar com vocês! Por favor! Eu prometo me comportar. Não deixo mais o tapete bagunçado. Por favor!

Aquela decisão não cabia mais ao casal. Para eles, claro que a resposta seria sim. Porém, estavam indo para um caminho sem volta. A neve caía sobre seus corpos, e Jack, olhando seus pais partirem junto de outras dezenas de pessoas, teve o choro e o silêncio como despedida.

## Capítulo 4

- Como vai, minha filha? – perguntou Ana, enquanto preparava mais um café da manhã.

- Bem, mamãe. Estou bem. – o semblante de July não condizia com suas palavras.

- Tem sonhado com aquele menino ainda?

- Sim. Desde aquele primeiro sonho, o vejo todas as noites enquanto durmo. Tenho muita pena dele, mamãe. Ele sofre muito.

- Minha filha, será que isso não é uma coisa da sua cabeça? É muito estranho que você sonhe com a mesma pessoa todos os dias e sempre em situações de dor e sofrimento.

- O que eu posso fazer, minha mãe? Não escolhi sonhar com ele. Também preferiria que minhas noites fossem repletas de bons pensamentos e que acordasse inspirada para um novo dia. Porém, tudo o que faço nesses últimos meses é compartilhar da dor sentida por Jack.

- Meu Deus!... Nem sei o que dizer, minha filha. Vou conversar novamente com seu pai a respeito disso.

- Tudo bem... Deixe-me ir para a escola agora.

- Ok. Bom estudo! – disse Ana enquanto beijava o rosto de sua filha.

Preocupada com aquela situação, Ana não sossegou enquanto não tentou ao menos tirar a limpo o que estava acontecendo. Saiu pela propriedade da família à procura de Sebastian, que naquele momento cuidava da plantação. Não demorou muito e alguns passos adiante pode ver seu marido remexendo a terra próximo a uma bananeira.

- Sebastian.

- Sim, meu amor. Diga!

- Preciso conversar com você. É sobre a July.

- Ok! Pode dizer.

- Se lembra daquela história dela ter sonhado com um menino que sentia todas as dores de uma guerra?

- Sim, me lembro.

- Então, ela continua sonhando com ele todos os dias. Desde aquele primeiro sonho, não parou mais. Tenho medo de que nossa menina possa se adoentar com isso, ou pior, que já esteja doente.

- Será, Ana?

- Ela já não é mais a mesma. Só a vejo triste. Acorda sempre cabisbaixa.

- Assim que July chegar da escola, vamos levá-la à casa do senhor William. Quem sabe ele poderá nos ajudar?

- Verdade, meu amor! Ele é um estudioso do corpo humano, conhece várias ervas e combinações de medicamentos eficazes para

diversos males. Com certeza ele saberá o que podemos fazer para ajudá-la.

Conforme haviam combinado, assim que July regressou do colégio, seguiram rumo a casa de William. Famoso no vilarejo por seus experimentos, William era um jovem senhor de 51 anos. Cabelos longos e esbranquiçados, gostava de se vestir como se fosse um mago. Amante da literatura, escreveu muitos livros com seus pontos de vista sobre medicina e homeopatia. Poderíamos considerar que ele mora na casa mais antiga, ou pelo menos com estilo mais retrô de Vilade. Tudo para aguçar ainda mais a magia que lhe inspirava e transmitir isso aos moradores do vilarejo.

O ponteiro do relógio apontava duas da tarde, quando a família Belgram tocou a porta da residência de William com 3 batidas de intensidade mediana. Não demorou até que o estudioso viesse atender e reconhecer os antigos amigos, Sebastian e Ana.

- Olá, meus amigos! A que devo a honra?

- Oi, William. Tudo bem? Gostaríamos que fizesse uma consulta com nossa filha July. – disse o pai.

- Mas é claro! Venham, entrem por favor.

Alguns passos avante, puderam se impressionar com o local bem em meia luz. Estilo muito intimista de construção e cheio de experimentos e livros espalhados por todos os lados.

- Vejo que fez algumas mudanças por aqui, William, desde a última vez que lhe procurei. – disse Sebastian.

- Ah sim! Sempre faço. Deixo o mais agradável possível para que possa realizar minhas pesquisas. Quanto mais escuro, menos canso minha vista. Podem se sentar aqui, por favor.

- Com licença. – disse Ana.

- O que ao certo vocês querem de mim?

- Bom, William, é o seguinte. – disse Ana e após breve pausa, continuou:

- Nossa filha, a cerca de 9 meses teve um sonho com um menino que vive num outro planeta. O país em que mora, estava sendo invadido por um exército que o capturou e o separou de seus pais. Estão vivendo em guerra desde então, e July sonha com ele todos os dias. Como se fosse um relato diário da vida deste menino, os sonhos veem dia após dia trazendo informações sobre tudo o que acontece com ele.

- Hum... Interessante. – disse William se surpreendendo com o caso.

July apenas observava e permanecia quieta com suas mãos unidas e presas entre as pernas. Para ela, aquilo era uma bobagem. Tinha absoluta certeza de que não estava louca ou coisa parecida.

- Já ouvi falar mesmo da aptidão de July para ter visões em seus sonhos. Porém, nunca vi nada parecido com isto. – afirmou William.

- Esta é a nossa preocupação, meu amigo. Queremos o bem de nossa filha. Achamos o dom que ela possui algo benéfico e até motivo de orgulho para nós. Porém, ela não é a mesma menina de

antes. Tem se tornado triste, talvez por se sensibilizar com a história vivida por este menino, ou então, por ver tanta barbaridade em seus sonhos que amanhece chocada com todas as cenas que lhe perturbam noite a noite. – disse Sebastian.

- Menina, o que de fato você vê? – perguntou William.

- Vejo tudo o que acontece com Jack. Desde o dia em que seu país foi invadido, sigo cada um de seus passos como se fosse uma sombra.

- Sei... – disse ele meio confuso.

- Então você sabe até o nome dele, não é?

- Sei tudo sobre ele.

- Mas ele conversa com você?

- Não. Ele nem sabe que eu existo. Apenas vejo e sinto todas as suas experiências. – disse July, segura de si.

Espantado com a capacidade fora do comum da menina, William sentiu uma certa ponta de inveja. Com tantos anos dedicados à pesquisa, nunca desenvolveu tamanha sensibilidade e poder de vidência como o de July. Seu ego falou mais alto neste instante e decidiu receitar uma poção que segundo ele, acalmaria os ânimos de July e a permitiria ter uma noite mais tranquila. Com isso, talvez não sonhasse mais.

- Tem certeza de que pode fazer isto por nós? – perguntou Sebastian.

- Segundo meus conhecimentos, vai dar certo sim. - afirmou.

- Mas quem disse que eu quero deixar de sonhar? - disse July de forma incisiva e direta.

- Você precisa, menina. A partir do momento que isto começa a lhe fazer mal, não é bom.

- Você se sente o próprio Leonardo da Vinci, não é mesmo? - disse July. A possibilidade de ter seus sentidos reprimidos foi tamanha, que se enraiveceu repentinamente. Mesmo assim, soube manter o controle de si e apesar do calor que sentiu dentro do peito, manteve a aparência tranquila enquanto despejava fortes palavras nos ouvidos de todos.

- Quem é esse? - espantou-se William.

- Um dos grandes nomes já surgidos na Terra. Viveu de 1452 a 1519. Foi um exímio estudioso. Matemático, cientista, inventor, pintor... Dissecava corpos humanos após a morte para estudá-los. O que você desenvolve aqui, ele fez de forma 10 vezes mais apurada.

- Como ousa? - irritou-se o mago.

- Filha... De onde tirou isto? - perguntou Ana.

- De meus sonhos, mamãe.

- Mas você nunca me falou sobre isso...

- Mamãe, se eu for contar tudo o que vejo, deixarei você e o papai impressionados.

Surpreso com a afirmação da menina, William não hesitou em tramar uma poção ainda mais forte e proferir palavras em tom ameaçador.

- Você está proibida de sonhar! - disse raivosamente enquanto apontava o dedo indicador na direção central da face da menina.

- Como assim, William? - perguntou Sebastian.

- É para o bem de todos vocês. Os sonhos de July são um perigo em potencial.

- Ninguém nunca me dirá que não devo sonhar. Isso não cabe a você nem mesmo a mim. Não posso controlar.

- Beba isto e verá que seus sonhos não serão mais um problema em sua vida.

- Nunca disse que meus sonhos são um problema. - apertando a mão da filha para repreendê-la pelas respostas, Ana se desculpou com William e a família então regressou para casa.

A noite chegou e vendo as estrelas no céu, a menina sentiu uma leve sonolência. Já deviam ser os efeitos do medicamento. Caiu no sono e adormeceu profundamente. Na manhã do dia seguinte, acordada por sua mãe para que não perdesse o horário de ir para o colégio, July sentiu-se um pouco fraca. Parecia que tinha caminhado por horas.

- E então minha filha, como está?

- Bem, mamãe. Um pouco fraca apenas.

- Teve algum sonho desta vez? – perguntou Sebastian.

- Não, papai. Não me lembro de sonho algum.

- Que bom! Pelo jeito a poção de William funcionou mesmo.

- É verdade. – com um sorriso amarelo nos lábios, July ironizou.

Ao se dirigir ao banheiro para lavar o rosto e assim, acordar definitivamente, olhou-se no espelho e disse baixinho:

- Desculpe por mentir, meus pais. Vai ser melhor assim. E Jack, se eu pudesse ajudá-lo...

Mas o que uma menina de 8 anos poderia fazer por um garoto de 7 que vivia em outro planeta, literalmente? Apenas sonhar.

## Capítulo 5

Em Auschwitz, Jack continuava sua vida de garoto, envolto em uma redoma de terror. Abrigado num quarto específico, tinha todas as regalias de um nazista, porém, seu coração estava completamente em pedaços. Não veria seus pais nunca mais desde aquele último encontro através das grades.

Na cabeça do menino, uma frase vinha constantemente em seus pensamentos:

- “Faça a diferença no mundo, meu filho!” – frase dita por seu pai no exato momento em que o soldado lhes afastava para sempre.

Determinado, Jack sabia que tinha de encontrar um jeito de sair daquele lugar horrendo. Mas como? Todos os cantos eram cercados por subordinados de Shuler. Entretanto, tal missão poderia não ser tão difícil assim. Pequeno, o jovem garotinho não chamaria tanto a atenção quanto uma pessoa adulta.

Mais um dia frio amanhecia na Polônia. Jack, agasalhado e de barriga cheia, foi brincar pelas dependências do campo de concentração. Ele sabia que de tempos em tempos o portão sempre se abria para a chegada e saída de novas tropas, reféns e veículos. Seria em uma dessas oportunidades que ele se tornaria um garoto livre. Sem destino, casa, pais, amigos... Porém, livre.

O relógio marcava nove horas da manhã. Os portões abriam-se para a chegada de um novo grupo de reféns trazidos por soldados fortemente armados. Duas filas indianas foram formadas.

Uma de homens e outra de mulheres. Ao receber um golpe totalmente desnecessário por parte de um dos oficiais, um senhor já de idade, caiu, fazendo com que vários outros reféns se compadecessem da situação e se propusessem a ajudá-lo. Momento mais do que propício para uma fuga sem deixar vestígios.

Em meio à confusão gerada pelo ocorrido, Jack saiu pelos portões sem ser notado por ninguém. Ninguém, exceto o senhor caído ao chão. Com um olhar de compaixão, Jack passou bem próximo à mão até então estendida sobre o solo, e a expressão em sua face disse tudo o que seu coração sentia naquele momento.

- "Faça a diferença no mundo, meu filho! "

Esta frase ecoava como uma bolinha de ping-pong, indo e voltando em sua cabeça. Alguns passos adiante, pôde ouvir o som de um tiro. Mais uma vida havia sido ceifada sem qualquer motivo plausível.

- Farei a diferença, meu pai! Ainda não sei como, mas sei que farei.

Completados 8 anos de idade em julho de 1940, Jack vivia em ruas, casas abandonadas e qualquer outro lugar que poderia lhe servir de abrigo durante alguns dias, ou simplesmente horas.

Constantes foram as vezes em que teve de se esconder, sair correndo e fugir do exército nazista. Shuler, ao notar o sumiço do garoto, simplesmente disse:

- Não me servia de nada mesmo...

Jack sobreviveu da compaixão de pessoas que cruzavam por ele nas ruas e se compadeciam de sua situação. O mundo estava em guerra. Tudo era um tremendo caos. Mas, mesmo assim, ainda era possível encontrar pessoas de bem. Com alimentos dados sempre por um português que decidiu ganhar a vida vendendo pães na Polônia, o jovem sobreviveu ano a ano, superando cada uma de suas dificuldades.

- Senhor Manuel, porque não fecha sua padaria? O senhor vê que tudo em nossa cidade está em ruínas... Por que continuar?

- Menino, a vitória só acontece para quem tem perseverança e acredita. - após uma breve pausa, Manuel olhou nos olhos de Jack e perguntou:

- Você tem medo?

- Sim. - e com um acesso positivo de cabeça, reforçou sua resposta.

- Quer desistir? Largar tudo o que tem e se entregar?

- Mas eu não tenho mais nada na vida, senhor. Tiraram-me tudo. Tenho apenas minhas roupas e a lembrança de um tempo que não volta mais.

- E você acha que minha situação é diferente da sua? Também não tenho muita coisa na vida. Mas, assim como você, não penso em desistir.

- Talvez o senhor esteja querendo fazer a diferença. - pausa.

- O que significa de fato fazer a diferença, senhor?

- Jack, de onde tirou isso?

- Não importa, senhor. Preciso fazer a diferença de alguma forma.

- Você já está fazendo. Tome um sonho! Coma e trate de ocupar sua cabecinha com coisas boas.

Ali, dentro daquela humilde padaria já quase em ruínas, estavam dois seres humanos. Cada um à sua maneira. Ambos tentando ser pessoas incomuns num momento em que povos eram selecionados e tratados como coisas insignificantes.

Jack havia encontrado na biblioteca destruída da cidade, livros e livros sobre temas diversos, aos quais se dedicou fielmente em estudar. Escolas? Não, não... Isso não era mais possível na situação em que estava vivendo. Sempre escondia seus materiais de estudo numa obra abandonada e passava ali, boa parte de seus dias. Entre estrondos de bombas e tiros, a sobrevoos de aviões de guerra, conhecimentos e ideias iam surgindo em sua cabeça.

\*\*\*\*\*

July já havia passado alguns anos sem comentar coisa alguma sobre Jack novamente. Para seus pais, William realmente tinha um profundo conhecimento das ervas que manipulava. Desde a consulta com o mago, nunca mais a filha do casal Belgram voltou a sonhar com o sofrido menino da Terra. Pelo menos era nisso que Ana e Sebastian acreditavam.

Enquanto os pais tinham uma impressão sobre a realidade dos fatos, July crescia e continuava acompanhando todos os passos de seu amigo nada imaginário. Amigo que dominava todos os seus

sonhos durante os últimos anos. Amigo por quem começara a desenvolver um apego mais do que restrito às noites de sono. Crescia junto de sua admiração pela determinação e vida do garoto, um afeto e carinho ainda não sentidos pela pequena July Belgram.

\*\*\*\*\*

Fim de tarde numa quinta-feira na Polônia. Jack se dirigia à padaria do senhor Manuel para mais uma vez conversarem sobre a vida e as pessoas.

- Senhor!... Senhor?... - pausa.

- Oh, meu Deus!

Manuel estava caído atrás do balcão e aparentemente não havia nenhum ferimento em seu corpo. Ao lado, um pequeno papel de pão com alguns dizeres escritos em caneta esferográfica de cor azul:

- Isso é para você, Jack. Nunca desista de seus sonhos. Destes que são doces, e muito menos daqueles que tens enquanto dorme, ou cria de olhos abertos com a cabeça ao longe.

Sobre o papel e ao lado da caneta, havia um sonho cuidadosamente embrulhado para viagem. Jack chorou. Chorou como há muito tempo não chorava. Manuel era seu amigo e sabia que poderia contar com ele para o que fosse. Estava novamente sozinho no mundo? Sim, estava. E aquele sonho embrulhado para viagem já dizia tudo. Era hora de partir.

A guerra já havia acabado e o impacto provocado pelo terrível massacre sofrido por diversas regiões do globo, poderia ser sentido por todos os lados. O ano era 1946. Jack perambulava pelas ruas sem destino. Avistou um veículo grande vindo ao longe e decidiu que pediria carona. Quando o caminhão se aproximou, perguntou se poderia ir junto.

- Para onde está indo garoto?

- Para onde o senhor vai?

- Leningrado.

- Também vou para lá. Pode me dar uma carona, por favor?

- Suba!

Com a cabine do caminhão totalmente ocupada, Jack foi obrigado a viajar na carroceria. Por sorte, a mesma era lonada; o que impedia que o vento frio adentrasse com maior intensidade.

Leningrado, hoje conhecida como São Petesburgo, cidade da atual Rússia, foi cruelmente massacrada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, entre 8 de setembro de 1941 e 27 de janeiro de 1944. A então União Soviética seria o novo lar do jovem que tinha até agora, duas missões em sua vida: fazer a diferença e lutar pelos seus sonhos.

Mal sabia ele que os sonhos o estavam ligando a alguém muito distante dali. Alguém que ele nem imaginava que existisse. Alguém que mudaria sua vida.

## Capítulo 6

Sebastian selava o cavalo para um passeio no bosque e convidou July para lhe acompanhar. Aceitando de pronto, beijou a face de Ana e saiu com seu pai pelas ruas de Vilade. July já tinha 14 anos e bonita como era, despertava o interesse de muitos garotos na vila. Seu pai nem podia ouvir assuntos como esses que já ficava todo irritado. Para sua satisfação, July nunca comentou de nenhum garoto em sua presença. Exceto de Jack, porém, há anos a menina não tocava mais em seu nome.

Algumas centenas de metros à frente, os cavalos adentraram nas dependências do bosque. Um lugar realmente mágico. July costumava ir até lá várias vezes na semana para simplesmente, pensar na vida. Não entendia o porquê de várias coisas que lhe aconteciam. Por que ter tais poderes com relação aos seus sonhos? Por que não parar de sonhar com alguém durante tanto tempo?

Os cascos dos cavalos seguiam fazendo barulho e a cada novo impacto com o solo, levavam a garota para ainda mais longe em seus devaneios.

- July. July!

- Sim, meu pai. Diga. – disse ela se recompondo de seu momento de dispersão.

- Está pensando em quê, minha filha? Te vi tão distraída.

- Em muitas coisas e ao mesmo tempo em coisa alguma. É tudo muito estranho.

- O quê, por exemplo? – perguntou o pai. Porém, com medo de uma investida nas questões de seus sonhos, apenas desconversou.

- Não sei explicar. Apenas sentir. Veja que flor mais linda, meu pai.

- Verdade. São muito belas realmente.

Os caminhos iam ficando cada vez mais estreitos e a vegetação cobria todo o percurso. O bosque de Vilade era conhecido por ser um lugar de vegetação bem densa, pouca luminosidade e umidade muito alta.

- Vou ficar aqui um pouco meu pai.

- Tudo bem. Vou até mais adiante e logo voltarei. Espere-me aqui. – completou Sebastian.

Descendo do cavalo, July sentou-se na relva e de joelhos dobrados, com as mãos os segurando de forma a abraçar ambas as pernas, apoiou seu queixo sobre elas e nada fez além de admirar a natureza. Seu verdadeiro eu não estava ali naquele momento. Seu coração não batia pelos fatos que estava vivendo. Era fim de tarde e logo sonharia com Jack novamente. Como será que ele está se virando nessa viagem? O que vai ser da vida dele agora? Por que continuo sonhando com uma pessoa que nem conheço? Por que estou desenvolvendo um sentimento por alguém que nem sabe da minha existência? Alguém que nunca verei na vida. Ou será que verei?

Perguntas e mais perguntas inundavam a mente da pobre menina. Entre elas, uma ela fazia questão de se fazer dia a dia: será que ele sabe da minha existência?

Em meio a pensamentos flutuantes, July foi surpreendida por movimentos em meio às folhagens. Com medo, pôs-se em modo de defesa, quando percebeu se tratar de William em mais um de seus estudos ao ar livre.

- Olá, menina! Como é o seu nome mesmo?

- July!

- Isso mesmo! July. Quanto tempo, não é verdade?

- Sim... Alguns anos. – respondeu sem dar muita abertura.

- Pelo que vi, a poção que lhe dei aquela vez surtiu efeito.

- Sim. Realmente foi muito boa para mim. Nunca mais tive sonhos com aquele garoto. – afirmou.

- Foi melhor assim. Isso era coisa da sua cabeça. Uma perturbação mental. Já ouvi falar de seu dom de prever coisas através de sonhos, mas sinceramente, acho que isso não passa de sorte.

- Sorte? O senhor acha mesmo? – perguntou ela com um leve sorriso irônico nos lábios.

- Mas é claro! O que mais poderia ser? Você é apenas uma menina. Se tamanho dom pudesse ser dado a alguém, nada mais

justo do que ser dado a mim. Sou um exímio estudioso e dedico meu tempo a ajudar os outros.

- Bem vi mesmo seu tremendo dom de ajudar os outros. Devia ajudar a si próprio deixando seu ego de lado. Você não passa de uma pessoa que sabe fazer chás.

- Mas como ousa falar assim comigo, menina? – enfurecido, William não gostou nem um pouco das palavras de July. Sentia inveja, é verdade, pelo dom que a menina possuía, mas preferia anular tal característica a admitir que alguém possuísse qualidades mais afloradas do que as dele.

- Só estou dizendo a verdade. Agora se me permite, preciso me encontrar com meu pai. – encafifado com as palavras vindas de alguém com um terço de sua idade, exclamou por fim sua última frase:

- Mas minha poção funcionou com você, não é mesmo?

- Com toda a certeza que sim. Tanto é que nunca mais sonhei com aquele garoto.

- Está vendo só! – disse o mago, sorrindo.

- Tanto é verdade que nem sei que ele está indo para Leningrado neste exato momento, na carroceria de um caminhão.

- Como assim? – intrigou-se William.

- Não sei... Sua poção funcionou, lembra? Não sei de nada mais.

Ao perceber os passos do cavalo de Sebastian se aproximando, William tratou de tomar outro rumo e sumir do campo de visão de pai e filha.

- Havia algo de estranho nesta menina. Sinto que ela ainda vai me trazer problemas. Preciso ficar de olho. – balbuciou enquanto sumia por entre as árvores e a névoa que tomava conta do bosque já quase escuro por completo.

- July?

- Sim, papai.

- Vamos, minha filha. Já está ficando tarde e escurecendo. Sua mãe deve estar preocupada conosco.

Dentro de instantes veria tudo outra vez. Novos episódios da vida de alguém que sequer a conhece. O destino de um jovem que a encantava cada vez mais. Indo para um lugar que nunca conheceu antes, enfrentando horas intermináveis de viagem na carroceria de um caminhão à procura de seus sonhos. E ela, buscando em seus sonhos, acompanhar a história dos dele. Se inspirando, se motivando e buscando cada vez mais motivos para acreditar no impossível. Pois, a partir do momento em que ele nos é apresentado, passa a ser alcançável, almejado e totalmente possível de ser realizado.

Já nas ruas de pedra de Vilade, pai e filha seguiam lado a lado rumo à casa da família. Todas as residências se encontravam fechadas e quietas. Poucas luzes vinham de seus interiores e a luminosidade exterior era proporcionada pela lua e reforçada por tochas.

Após o jantar, July deitou-se em sua cama e abraçando seu travesseiro como se fosse um ursinho de pelúcia, disse para si mesma:

- É hora de viajar mais uma vez.

## Capítulo 7

Chegando em Leningrado pela manhã, depois de dois longos dias de viagem, Jack desceu da carroceria e se dirigiu à cabine do veículo para agradecer pela carona. Somente naquele instante, havia percebido que o homem estava acompanhado de sua família. Com mulher e duas crianças ainda bem pequenas, estava fugindo em busca de melhores condições de se reerguerem na vida.

- Muito obrigado mesmo pela carona.

- Não foi nada menino. Mas espere ai. Para onde vai agora?

- Ainda não sei. Os passos me dirão qual a melhor direção a seguir. Já parou para ver seus passos? -perguntou Jack.

- Não. - risos. - Ainda não.

- Então olhe, senhor. Às vezes precisamos abaixar a cabeça e ver a vida de baixo para conseguirmos alcançar os lugares mais altos.

- Como sabe disso, menino? Estamos péssimos! Mal sabemos o que será de nós agora. - disse o caminhoneiro com as mãos sobre a janela do veículo enquanto ainda permanecia em seu interior.

- Olhe a nossa volta. Veja quanta destruição. E apesar de tudo isso, continuamos vivos. O senhor está com sua família

reunida. Eu, não mais. Deveria ter mais motivos para sentir esperanças do que eu.

Sentindo um aperto no peito pelo impacto provocado pelas palavras de Jack, o caminhoneiro então engoliu seco e lhe ofereceu um pedaço de pão.

- Aceite, por favor! Minha vontade de chegar logo era tanta, que fiz poucas paradas e acabei me esquecendo de você ali atrás. Me desculpe.

- Não se preocupe. Coloquei alguns alimentos na mochila e comi durante a viagem.

- Mas nada sustenta por tanto tempo assim... O que você comeu?

- Sonhos.

Espantados, todos da família do caminhoneiro se entreolharam e admirados, ofereceram para que ele continuasse sua jornada junto a eles.

- Obrigado, mas preciso seguir meu caminho.

- Pode ser perigoso, menino. – disse a mulher.

- Sim. Com certeza é. Mas não tenho mais medo. Tudo é uma questão de saber lidar com cada uma das situações que encontramos pelo caminho.

- Como assim, menino? – Perguntou o caminhoneiro.

Movido por alguma força interior ou simplesmente pela inspiração momentânea de conhecimentos e impressões adquiridos e armazenados durante sua vida, Jack respondeu:

- Essa é a vida. A vida é seca! É uma constante permanência num reservatório em volume morto. A vida é chama! Acesa queima, apagada inexistente. É poeira que se espalha. É barro que gruda. É chuva num fim de tarde trazendo alívio após um dia quente. É dilúvio de incertezas e dúvidas numa gramática repleta de pontos de interrogações. A vida é viva! Viva a vida! Viva cada momento. Desvende seus pensamentos. Sinta seus sentimentos. Sorria da seriedade ao enxergar o invisível, num toque intangível do mais puro e inconcebível devaneio. Viva! Apesar da saudade. Apesar da tristeza. Apesar da pobreza. Apesar do pesar. Apenas viva!

Com os olhos cheios de lágrimas, o caminhoneiro apertou-lhe a mão e agradeceu por tê-lo conhecido.

- Com certeza nunca me esquecerei dessas palavras.

- Sejam felizes! – terminou Jack, e arrumando nas costas sua humilde mochila, encontrada pelas dependências da biblioteca de Dantzig, saiu sem rumo pelas ruas desertas de uma Leningrado muito ferida pela Segunda Guerra Mundial.

\*\*\*\*\*

Enquanto isso no planeta Lux, July acordava depois de mais uma noite de sono intenso e sonhos arrebatadores. Seus olhos, assim como os do pobre caminhoneiro, estavam lacrimejados. Jack,

sem perceber, estava começando a cumprir o que seu pai lhe pedira minutos antes de entrar na câmara de gás. Estava finalmente, começando a fazer a diferença no mundo. No mundo físico, interior e sentimental das pessoas. Daquelas com quem tinha contato, e também da que sem perceber, vigiava seus passos em cada noite que de forma serena, adormecia sob a luz das estrelas.

## Capítulo 8

Fazendo o reconhecimento do território, até então novo para ele, Jack perambulou pelas ruas da cidade por toda a manhã. O estômago já começava a roncar quando passava do meio-dia. Procurando algum lugar para comer, encontrou alguns poucos estabelecimentos abertos. Era sábado, e ventava frio naquele momento.

Adentrou num restaurante humilde, porém com um cheiro tão bom, que parecia ter uma comida muito apetitosa.

- Pois não? – disse o dono do restaurante.

- Posso conversar com o dono daqui, por favor? – perguntou Jack.

- Já está falando com ele. O que deseja?

- Tudo bem, senhor? Me chamo Jack e cheguei hoje de viagem. Não tenho para onde ir e também me faltam recursos para lhe comprar um prato de comida. Poderia me ceder uma refeição em troca de meus serviços?

Olhando bem o garoto de cima a baixo, Afanasi observou suas roupas maltratadas pelo tempo e a pouca higiene que apresentava. Se compadeceu do menino e consentiu.

- Pode trabalhar na minha cozinha. Mas antes, coma alguma coisa.

- Obrigado senhor...

- Afanasi. Pode me chamar assim.

- Obrigado senhor Afanasi. Me chamo Jack. Prometo que não vai se arrepender de sua decisão.

- Espero mesmo. Agora sente-se, coma e depois venha para a cozinha.

Poucos eram os clientes naquele momento dentro do estabelecimento. Alguns em situações muito parecidas com as que Jack se encontrava. Afanasi lhe trouxe um prato de sopa com alguns pedaços de pão. Aquela sopa quente lhe caiu tão bem, que ousou pedir por um prato a mais.

- Trabalho em dobro depois, senhor.

De barriga cheia e coração esperançoso, Jack começou seu primeiro serviço em território estrangeiro.

- Pode começar lavando essa pilha de pratos. Depois que terminar, pegue naquelas panelas que se encontram do outro lado da bancada. - disse Afanasi.

- Tudo bem. Deixe comigo!

Pondo logo a mão na massa, tratou de limpar muito bem cada um dos pratos e ariar as panelas como se fossem joias. Chamou a atenção do chefe e também da única funcionária de que o restaurante dispunha, Ekaterina, cozinheira de mão cheia.

- O que fazes em território soviético, menino?

- Estou em busca de meus sonhos.

- Entendo... Todos estamos. E quais são os seus sonhos?

- Ainda não sei. - respondeu.

- Mas como assim? Está em busca de algo que ainda não sabe o que é? Como pretende encontrá-los se não sabe nem o que procura.

- Procurar já é o primeiro passo. Parado, sei que não encontrarei nada. Sonhos são como nuvens num céu limpo. Elas vão e vem. Suas formas mudam... Suas cores também. Às vezes elas somem, às vezes aparecem aos montes. Estou indo em busca de minhas nuvens.

Impressionada com o raciocínio do menino, Ekaterina apenas respondeu:

- Estou impressionada com você, garoto. És muito esperto para sua idade. Por falar em idade, quantos anos você tem?

- 13.

- E seus pais? Onde estão?

- Foram capturados pelos nazistas e levados a Auschwitz. Eu era muito pequeno quando os vi pela última vez através das grades do campo de concentração. Creio que morreram na câmara de gás.

- Sinto muito, menino.

- Eu também. - respondeu.

Pela janela onde eram colocados os pedidos para serem entregues aos clientes, Afanasi acompanhava a conversa de ambos e se sensibilizava por cada resposta dada por Jack. No fim do expediente, se aproximou e perguntou onde ele pretendia passar a noite.

- Ainda não sei. Passei os últimos anos pelas ruas, dormindo em construções, ruínas de prédios e gostava muito da biblioteca da minha cidade.

- Entendo... - disse Afanasi enquanto absorvia a resposta e refletia sobre o que responderia.

- Se quiser, pode dormir nos fundos do restaurante. Amanhã teremos um longo dia de trabalho pela frente.

- O senhor vai me deixar trabalhar aqui novamente?

- Você vai sentir fome amanhã de novo, não vai? Então... - sorriu

Ekaterina viu a cena e aprovou a atitude do padrão. Jack naquela noite dormiria sobre um colchão. Não era o melhor quarto do mundo, mas era muito melhor do que os lugares onde havia dormido nos últimos anos. Em meio a mantimentos, panelas, recipientes e outros objetos, teve sua primeira noite de sono sob um teto na União Soviética. Com o rosto coberto por um cobertor quadriculado em azul e branco, adormeceu e pôde ver pela primeira vez em seus sonhos, uma menina de pele branca, longos cabelos negros e olhos castanhos, cor de madeira verde.

No sonho, ela dizia seu nome e parecia lhe conhecer já há muito tempo. Passearam por um lugar totalmente desconhecido

por ele e se despediram como se fossem levados para dimensões diferentes.

Enquanto isso no planeta Lux, July acordava radiante. Havia acabado de presenciar em seu sonho, o que ela tanto queria e tinha sinceras dúvidas se aconteceria um dia.

- Ele sonhou comigo!



## Capítulo 9

- Feliz, minha filha? – disse Ana ao perceber o semblante leve de July, logo ao levantar da cama.

- Sim, minha mãe. Estou.

- Algum motivo especial?

- Não... Nenhum. Apenas contente por mais um dia.

- Hum... Então tá, né. – a resposta não convenceu muito. Porém, Ana não queria contestar além do que já havia perguntado.

July tomou seu café da manhã e saiu pelas ruas de Vilade para arejar seus pensamentos e acima de tudo, seus sentimentos. Estava uma manhã calma como de costume. Algumas poucas pessoas caminhavam, outras cavalgavam e uma outra parte, trabalhava em seus estabelecimentos. Vilade parecia ter sido retirada de um conto medieval qualquer. Ruas de pedras em tamanho generoso de mais ou menos 50 cm cada, arquitetura rústica, que misturava o belo e o intimidador.

Pela fresta da janela que sempre permanecia fechada, para não quebrar o clima mais introspectivo que tanto lhe agradava, William observava July pelas ruas da vila.

- Sorridente, não é menina?! Permaneça quieta e não ofereça ameaça a mim, senão terei de intervir. – disse ele enquanto seus olhos se distanciavam do vão da janela e agora admiravam o teto do primeiro andar de sua casa.

- Oi, July! Como vai?

- Oi, Simão! Vou bem.

- O que está fazendo?

- Por enquanto nada.

- Que tal conversar um pouco? Também estou à toa por agora. - com um aceno positivo de cabeça, July consentiu.

Simão era um menino da idade de July, que dividia a sala de aula com ela e mais 8 crianças de mesma faixa etária. Apaixonado pela jovem mais bela da classe, a qual era filha do casal Belgram e estava neste momento conversando consigo, Simão até que se saía muito bem, porém, não conseguia de fato esconder seu interesse.

Sentados à beira da fonte, do que poderíamos chamar de centro de Vilade, ficaram ali por alguns minutos relembando coisas da escola, para assim, passar o tempo com os recursos de que dispunham.

O centro de Vilade era composto por uma fonte circular de uns 5 metros de raio e 1 metro de profundidade. As construções que circundavam-na à distância de 20 metros mantinham este mesmo formato. Podíamos notar o mercado de especiarias do senhor João, a tecelagem de Margot, o bar dos irmãos Flores, o hortifrúti de Hércules e a casa de reuniões do Governo do Povo, como era chamada a sede do governo local.

Por sugestão de Simão, o casal de amigos foi brincar nas montanhas próximas dali. Escorregar no papelão sobre a grama. Qualquer adulto viraria criança com uma brincadeira como esta. E

para pré-adolescentes que eram, esta era uma das grandes opções de diversão que tinham ao seu alcance.

Em meio a brincadeira descontraída que usufruíam, ao perceber um olhar mais profundo de Simão sobre os seus, July ousou não encarar-lhe a face como retribuição.

- Olhe, Simão, você é um menino legal e um ótimo amigo. Mas seremos apenas isso, tudo bem?

- Mas eu não disse nada, July.

- Sinto que pensava além do que anda dizendo.

- Está certa. Mas que mal há nisso? Você gosta de algum outro garoto na escola?

- Não. Na escola não. Vamos embora agora? É melhor. Devem estar me esperando lá em casa para o almoço.

Intrigado com aquela resposta, Simão a acompanhou tentando saber a todo custo o porquê daquelas palavras: “Na escola não”. Tanto tentou que acabou não obtendo nenhum resultado satisfatório de volta.

Enquanto isso em Leningrado, Jack servia mesas no almoço de domingo do restaurante de Afanasi. Havia tido a melhor noite de sono desde que se entende por gente. Encantado com a bela menina que lhe aparecera em sonho e demonstrava conhecê-lo, não soube distinguir até onde aquilo seria ilusão, ou poderia de alguma forma, ser real.

No fim de mais um dia de serviço, Afanasi dirigiu-se até a cozinha onde Jack e Ekaterina conversavam e terminavam de lavar as louças usadas durante o expediente.

- Jack, a partir de amanhã você me ajudará no restaurante somente no período da tarde. - disse Afanasi.

- Mas porquê, senhor? Não está gostando dos meus serviços?

- Pelo contrário. É que de manhã você estará muito ocupado em uma nova função.

Confuso, Jack olhava surpreso para ambos e não sabia ao certo do que seu patrão estava falando.

- Amanhã bem cedo irei matriculá-lo na Escola Secundária Soviética. Vai estudar e aperfeiçoar os conhecimentos que já percebi que possui.

- Muito obrigado, senhor! Nem sei o que dizer...

Abraçando o patrão amigo, Jack agradeceu a oportunidade sem saber que estaria finalmente chegando com ela, a chance de fazer a diferença de que seu pai lhe pediu.

\*\*\*\*\*

Manhã de segunda-feira no território Soviético. Após uma longa noite de sono, em que a bela menina lhe apareceu novamente como uma miragem ou coisa parecida, Jack seguia acompanhado de Afanasi pelas ruas ainda feridas pela Segunda Guerra Mundial, em direção à Escola Secundária Soviética.

Era possível perceber por todos os lados os efeitos provocados pelo comunismo, sistema que imperava no país. As ruas de Leningrado tomadas por soldados fortemente armados, em guarda, protegendo o território.

Já na escola, adentraram e foram reconhecer o recinto. Afanasi solicitou a presença do diretor. Conversaram e acertaram os detalhes da matrícula. Afanasi seria responsável pelo novo aluno desde então. Jack teve seus primeiros contatos com o mundo didático, auxiliado por sua mãe, Judith. Após o massacre nazista, desenvolveu o hábito da leitura e auxiliado por Manuel, seu amigo padreiro, aprimorou a escrita. Afundado no mundo literário da biblioteca arruinada pela guerra em Dantzig, absorveu mais conhecimentos do que qualquer outro jovem da então instituição de ensino a qual passava a fazer parte neste momento.

Afanasi retornou para o restaurante após certificar-se de que o garoto tinha memorizado o trajeto até o estabelecimento. Entrando na sala de aula já repleta de alunos e conduzido pelo diretor, sentou-se no fundo da classe, numa das poucas carteiras que ainda permaneciam vazias. Pôde sentir o olhar de todos em sua direção e soube dessa maneira, como é ser o centro das atenções. Acima do quadro negro, cuja cor é verde escuro, avistou uma foto emoldurada de Josef Stalin. Jack pressentiu neste momento de que teria alguns problemas, principalmente com seu professor de história.



## Capítulo 10

Jack logo foi apresentado à turma e colocou seus materiais, doados por Afanasi, sobre a carteira. Quando o relógio marcava 8:45 da manhã, dona Elizabeth, professora de Estudos Sociais, se levantou e escreveu na lousa. O que você quer ser quando crescer? E de que forma você ajudará o mundo com isso? Em seguida, voltou-se para a turma e disse:

- Atenção classe! Quero que façam uma redação sobre o tema escrito no quadro. Depois, vocês virão aqui na frente para apresentar o texto aos seus amigos. Vocês têm uma hora para finalizar a redação. Bom trabalho!

Todos caíram seus olhos sobre os papéis e debulharam seus pensamentos em busca do melhor argumento para a redação. A calma com que Jack lidava com tudo aquilo chamava a atenção.

- Está tudo bem, Jack? - disse Elizabeth.

- Sim, senhora. Tudo bem!

Era possível notar diversos alunos mordendo os lábios ou balançando o lápis insistentemente, como se quisessem deixá-lo tonto. A borracha nunca foi tão usada pela classe como naqueles 60 minutos. Ao se findarem, Elizabeth anunciou que era hora de apresentarem seus trabalhos.

- Muito bem! Tempo encerrado. À medida que eu for chamando, quero que venham até aqui na frente, leiam sua redação e depois me entreguem para que eu possa corrigir os

possíveis erros. Isso servirá para analisar a desenvoltura de vocês quando estão no foco de todos e em como está sua oratória.

Tornou a sentar-se e chamou seu primeiro aluno.

- Straus, venha por favor.

- Bom... Quero ser engenheiro. Um engenheiro dos bons! E ajudarei o mundo construindo prédios que não cairão nunca. Nem com a mais potente bomba.

Essas, entre outras palavras, foram as citações do jovem garoto em seu relato. Podemos notar a herança que a Segunda Guerra Mundial deixou em sua mente.

- Serei militar! Defenderei meu país e as pessoas que gostam de mim.

- Serei enfermeira. Gosto de ajudar os outros e pude ver nos últimos anos de guerra que tenho jeito para isso.

- Quero ser bombeiro. É uma profissão muito bonita. Pretendo ajudar o mundo apagando o fogo de todas as meninas. - disse Harry, o mais espertinho da turma que iniciou uma generosa gargalhada no fim da frase.

E assim foram, um a um até que chegou a vez de Jack.

- Por favor, Jack, venha até aqui e leia sua redação para nós.  
- disse Elizabeth.

Jack se levantou e caminhou lentamente pelo corredor. Novato na turma, atraiu olhares admirados de todos. Ninguém

queria deixar de observar o recém-chegado polonês. Parou em frente ao quadro negro e virou-se para a turma. Após um breve silêncio, iniciou a leitura.

- O que você quer ser quando crescer? Médico? Advogado? Juiz? Já sei... Super-herói?! Não, não é mesmo? Na verdade, uma pergunta tão simples e ao mesmo tempo, tão difícil como esta, nunca foi refletida da forma mais pura e verdadeira que exige. O que quero ser quando crescer? - Jack fez uma pausa e soltou seus olhos do papel para encarar seus novos amigos de classe neste momento. Em seguida continuou:

- Eu quero ser feliz!

A resposta transmitiu uma sensação de: “como não pensei nisso antes?” em todos os alunos. Senhora Elizabeth ficou surpresa da mesma forma. Jack então, prosseguiu:

- Isso mesmo! Eu quero ser muito feliz! Do que me adiantaria ser um médico, um advogado, juiz, ou até mesmo um super-herói, se eu não for feliz? De nada me adiantaria. As pessoas no mundo pensam apenas no que é palpável. Esquecem-se do que não tem forma, mas que sem ele, não podemos viver. É como o ar. Não o vemos, apenas sentimos. Mas sem ele, não conseguimos viver. O mesmo acontece com nossos sentimentos. Apenas os sentimos, mas sem eles, não existiríamos.

De boca aberta, todas as crianças se entreolharam admiradas, quando novamente, Jack prosseguiu sua leitura.

- Sabem como eu ajudaria o mundo? Bom... Para esta pergunta, vale a pena formularmos outra. Quantas pessoas vocês veem sorrindo pelas ruas? Quantas respondem a um cumprimento

dizendo “tudo bem”, com honestidade? Quantas vezes seus pais chegaram em casa dizendo: “nossa, hoje o dia no serviço foi maravilhoso! ”? É triste pensar como o mundo está necessitado de pessoas felizes. Creio que seria considerado uma aberração entre todos, mas daria minha contribuição ao mundo, sendo sincero. Dando um sorriso verdadeiro. Estando bem com o meu próprio eu. Ouvimos muito a expressão: “devemos ter amor próprio”. Porém, o que vemos hoje, são pessoas tendo amor próprio demais e se esquecendo de cuidar do amor do próximo. Não digo isso para que todos saiam por ai trocando de casais, não. Nada disso! Digo que ninguém será completamente feliz, fazendo outro alguém infeliz. Que precisamos olhar para o lado e ver se tem alguém chorando, antes de exibirmos nosso contentamento. Nos importarmos mais uns com os outros. Sermos verdadeiramente humanos.

Jack, já quase no fim de sua redação, parou mais uma vez e olhou para a senhora Elizabeth. Ela estava com os braços arqueados sobre a mesa e os punhos fechados apoiando sua cabeça sobre eles. Seus olhos brilhavam.

- Negócios e negócios... Todos querem vender, acumular cada vez mais. Será que o mundo já pensou em negociar alegria? Acumular momentos felizes? Ostentar um sorriso sincero, principalmente dentro do peito? Acho que não. E é por isso que eu quero ser feliz. Uma vez me pediram para não desistir de meus sonhos. Noutra, pediram que eu fizesse a diferença. Se não fosse assim, me tornaria igual a todos os outros que já existem. Porém, não me importo se vocês decidirem ser a mesma coisa que eu. Vamos? Só depende de vocês!

Sob aplausos acalorados dos alunos e inclusive de Elizabeth, Jack agradeceu o carinho com um meneio de cabeça e entregou o

texto para a professora, que ao segurar o papel, olhou fixamente nos olhos do garoto e disse:

- Tem certeza de que você tem apenas 13 anos? - com um leve sorriso, Jack completou:

- Creio que sim, senhora.

Quando o último cliente deixava o restaurante de Afanasi, Jack adentrou no estabelecimento portando sua mochila nas costas e muita satisfação dentro de si.

- Como foi no seu primeiro dia de escola, Jack?

- Muito bem! Gostei bastante! Obrigado pela oportunidade. O senhor é um homem muito bom!

- Fico feliz, meu filho. Posso lhe chamar assim?

- Pode sim. Fique à vontade.

- Agora vá se trocar. Consegui algumas roupas para você. Outra coisa: conversei com minha mulher e ela quer vê-lo. Acho que poderá dormir num quarto melhor de agora em diante.

Jack nem acreditava em tudo aquilo. Parecia um sonho. July, em outra dimensão lhe aparecia novamente em sonho; desta vez, vivido em seu mais novo quarto, antes ocupado pelo filho mais velho de Afanasi, morto durante a Segunda Guerra.

Intrigado, estava cada vez mais com tais aparições. Desta vez, July disse se orgulhar muito dele. E ele pôde sentir de fato,

algo em seu interior como se estivesse sendo tocado de alguma forma por ela.

No planeta Lux, a luz que mais brilhava no território de Vilade naquele momento, era emitida pelos olhos de July. Estava surpresa, encantada com o amigo distante que ganhara há alguns anos. Sentia que estava enfim, apaixonada.

## Capítulo 11

3 anos se passaram e Jack permanecia na Escola Secundária Soviética em Leningrado e morando com a família de Afanasi. Continuava ocupando o quarto de Will e recebendo bastante carinho de sua nova mãe de coração, Matryona, e de sua irmã, Stacy, filha mais nova de Afanasi.

Os sonhos com July continuavam. Era estranho para ele, pois não entendia ao certo, como aquilo estava acontecendo sistematicamente dia após dia. Não havia comentado com ninguém para não causar preocupações ou ser alvo de especulações, sejam elas quais fossem.

Já estávamos no ano de 1949. O mês era setembro. Jack tinha 16 anos, dois a menos do que sua então irmã, Stacy. Ambos se davam muito bem. E o jovem até ajudava Afanasi a tomar conta do namorado da menina, para que não saísse da linha de forma alguma.

Num outro ponto da galáxia, July, com seus 17 anos, se tornava uma mulher cada vez mais bela e atraente. Cobiçada por diversos rapazes do vilarejo, era alvo constante de Simão. O jovem não desistia nunca de seus objetivos e decidiu tomar coragem e conversar com Sebastian, falando do seu real interesse pela sua filha.

Manhã de domingo em Vilade. Simão se dirigiu à residência dos Belgram e com 3 batidas na porta, anunciou sua chegada. Por sorte ou talvez para aumentar ainda mais sua aflição, o próprio Sebastian atendeu.

- Pois não.

- Oi, senhor. – gaguejando um pouco, Simão iniciou seu cumprimento e após ter sido retribuído pelo seu possível, futuro sogro, continuou.

- Gostaria de conversar com você. É possível?

- Sim, meu jovem. Entre, por favor! O que deseja?

Mais alguns passos adiante e chegaram até a mesa da copa. Puxaram uma cadeira cada um e sentaram-se um de frente para o outro. Simão engoliu seco e remexendo seus dedos sobre a mesa, iniciou:

- Senhor, preciso lhe falar uma coisa. É sobre a July.

- O que foi rapaz?

- Então... – suspirou, olhou para o pai da moça. Tornou a abaixar sua face novamente e por fim, soltou as palavras que estavam engasgadas dentro de seu peito.

- Eu gosto dela. Gosto muito! E isso vem de muito tempo. Desde cedo na escola já havia me interessado por ela.

Surpreso, Sebastian observou a coragem do rapaz e chamou Ana para participar da conversa. July acabara de acordar e nem se dava conta de que havia um convidado inesperado em sua casa. Caminhando pelo corredor e podendo ouvir vozes, chegou sorrateiramente até a beirada da porta da copa e pôde ouvir de seu pai:

- Olha, Simão... Faço muito gosto do seu interesse por minha filha. Você é de uma boa família e se minha filha quiser, tem a permissão para o namoro.

- O que está acontecendo aqui? - July interrompeu a cena com certa irritabilidade.

- Oi, minha filha! Simão está aqui me pedindo sua mão em namoro.

- Com que direito faz isso?

- July, você sabe que eu sempre gostei de você. Por que não podemos tentar?

- Já te expliquei uma vez. Não quero saber de namorar ninguém.

- Mas minha filha, escute o que o rapaz tem a lhe dizer. - Sebastian.

- Não há o que escutar, meu pai. Me desculpe, Simão, mas entre nós não acontecerá nada. Me perdoe, mas poderei ser apenas sua amiga.

Não havia o que fazer. Decidida, July não mudaria de ideia nem se chovesse pepitas de ouro.

- Posso saber porque não quer ao menos ouvir o rapaz, July?

- Sim, mamãe. Porque eu amo o Jack. Sonho com ele todos os dias desde os meus 8 anos e menti para vocês todo esse tempo para poder encontrar um sossego. Só assim não seria incomodada

com relação aos meus sonhos, nem mesmo tachada de louca ou coisa parecida.

- Como é que é? – Sebastian parecia não acreditar no que acabara de ouvir.

- É isso mesmo. Agora me deixem sozinha, por favor.

Simão saiu estarecido com o que ouviu. Teria de fazer algo a respeito e a única pessoa no vilarejo a qual poderia ajudá-lo, seria William. O mago que há 9 anos guardava rancor e inveja de July.

Trancada no quarto, a menina não quis saber de conversa com seus pais num primeiro instante. O casal Belgram não sabia o que fazer a respeito. Por hora, a melhor coisa a se fazer era esperar a poeira abaixar e tentar conversar com a filha num momento mais calmo.

Em Leningrado, Jack seguia o caminho do restaurante para casa, tantas e tantas vezes percorrido por ele. Na esquina da 15 com a Josef, rua em homenagem ao ditador Josef Stalin, uma prostituta que sempre marcava ponto no local, o abordou mais uma vez.

- Oi, garotão! – com um leve sorriso, Jack a cumprimentou.

- Oi! Tudo bem? – e seguiu seus passos.

- Não quer parar hoje?

Jack sempre que passava por ali, buscava dar atenção a ela, mas nunca com segundas intenções. Talvez fosse o único na cidade que não a visse apenas como um “pedaço de carne”.

- Estou com um pouco de pressa. Tenho que voltar para casa.

- Eu adoro garotos novos, sabia? Posso te ensinar várias coisas.

- Moça, você não precisa disso. Não se sente mal em comercializar seu próprio corpo?

- O que eu posso fazer garoto? Não tenho como mudar as coisas. Já tentei outra vida, mas as portas não se abrem para mim.

Jack voltou alguns passos na direção da mulher e a olhou no fundo dos olhos:

- As respostas não chegam na mesma proporção das perguntas. E é inútil tentar acelerar o tempo. Ele simplesmente não vai andar mais rápido por sua causa. O acúmulo de dúvidas, nem sempre é resultante de uma mente ineficaz em seus pensamentos. Por não entendermos isso, acabamos nos transformando em seres fantasiosos, compreendidos entre o que realmente somos e o que ansiamos ser. Tentar é o primeiro passo na corrida pela conquista. Não tentar, é o primeiro passo na certeza do fracasso. Se as portas se fecharam para você, bata novamente. Insista! Você merece ser reconhecida pelo seu valor.

- Nossa... Ninguém nunca falou assim comigo. – encantada com tais palavras, a garota mal sabia o que dizer.

Jack, então a abraçou e lhe deu um beijo no rosto.

- Obrigada pelo toque.

- Não foi nada. Fique bem e pense no que lhe falei.

De volta ao apartamento onde morava, Jack jantou com sua família e pegou mais um pouco no pé de Stacy com relação ao seu namorado. Perguntado por Matryona que se preocupava com o marido, disse que ele só estava terminando de finalizar umas coisas no restaurante e já estava vindo para casa. Se retirou após alguns minutos de conversa e tratou de decorar o poema que fizera para July. Queria de qualquer forma, recitá-lo durante seu sonho desta noite para ela. Poderia parecer estranho uma relação assim, mas o contato de ambos havia subido um degrau a mais na evolução psíquica. Agora não apenas se viam e podiam saber das experiências vividas de cada um, como também conversavam entre si como se estivessem frente a frente.

O sono veio e com ele a vontade de realizar mais um encontro. Sob o som de botas de soldados que circulavam pelas ruas de Leningrado, Jack adormeceu tendo sobre a cama, um pequeno fecho de luz, vindo do poste em frente à sua janela.

Viu que a moça havia sido galanteada por outro rapaz e não gostou nada. Ela também viu o beijo no rosto que Jack aplicou na prostituta e também mudou seu semblante de repente. Como se fosse um filme, olhando um para o outro como que se dividissem um mesmo recinto imaginário, Jack lhe recitou seu primeiro poema de amor.

Do outro lado da linha de pensamento, July chorou. Jack percebeu uma lágrima caindo de seus olhos naquele instante. Podia não ser nada demais. Um simples poema e pronto. Mas era muito mais do que isso. Para uma menina com um dom fora do normal, na época com apenas 8 anos de idade, criar um afeto com

alguém que nunca havia visto na vida, o qual morava em outro planeta, era surreal demais.

A vida prega peças que nos momentos em que as vivemos não entendemos muito bem o que são. Porém, com o passar do tempo as coisas se ajeitam. Como July poderia imaginar que 9 anos depois, ela continuaria sonhando com ele todos os dias? Fazendo parte de suas vivências e se emocionando por cada passo conquistado em sua trajetória difícil e sofrida? Como imaginaria que de uma hora para outra, ele enfim saberia de sua existência e desenvolveria o mesmo dom? Como ambos poderiam acreditar que tudo isso é de fato real e que se apaixonariam um pelo outro todas as noites? Nem em sonho algo assim poderia acontecer. Aliás, apenas em sonhos. Não é mesmo?



## Capítulo 12

Enquanto Sebastian e Ana discutiam sobre o que fariam com July, após a revelação de que continuava sonhando com Jack em todos esses anos, a professora Elizabeth anuncia uma parceria entre a escola e o Correio Soviético, importante jornal de Leningrado, o qual atingia um grande número de leitores pelo país. A didática empregada seria o aprimoramento de ideias sociais e o desenvolvimento intelectual dos alunos. Como recompensa, o aluno que mais se destacasse seria convidado a estagiar no Correio Soviético.

Participariam da comissão de análise dos trabalhos, a própria professora Elizabeth, bem como o diretor da instituição e dois representantes do jornal. Todos se impressionaram ao ler o breve dizer de um aluno de nome Jack Kotshy, cujo tema proposto era: A nova imagem da sociedade moderna.

“As pessoas mudam de desejos, mudam de opinião, de necessidades, de sonhos... Mudam de expectativas, de pessoas importantes, de valores... As pessoas mudam! É, elas mudam. Será mesmo que tudo faz parte de uma constante metamorfose? É melhor aceitar esta teoria, do que imaginar conviver com seres que se camuflam e mascaram seus próprios anseios e verdades. As pessoas mudam. Felizmente elas mudam. Infelizmente elas também mudam. E pensar que eu sou uma dessas pessoas... E pensar que você passou a perceber que também é... Somos todos pessoas, possuidoras de uma incalculável capacidade de inconstância. “

Tal pensamento chocou a todos. Parecia absurdo, mas era a mais pura verdade.

- Eu avisei que este aluno era especial. – disse Elizabeth.

- Chamem-no aqui. – disse o editor chefe do jornal.

Ao chegar, Jack foi informado de que a partir de então, seria estagiário do Correio Soviético. Aprenderia tudo sobre o mundo das comunicações e estaria em contato direto com diversos profissionais da área. Continuará seus estudos e poderia escrever para o jornal. Após análise da chefia, em caso de aprovação, teria até mesmo suas ideias publicadas no veículo.

- Isso não é fantástico?! – exclamou Jack ao contar para sua família de coração.

- Sim, meu filho! Com certeza é! Fico muito feliz por você! – respondeu Afanasi.

Jack estava eufórico em contar a novidade para July, logo que anoitecesse, porém teria uma triste surpresa à sua espera. A jovem foi levada por seus pais até William, novamente. Recebeu uma dose cavalaresca de uma poção que segundo ele, prometia acabar de vez com todos os seus sonhos e alucinações. Orientados pelo mago, Sebastian e Ana deixaram sua filha adormecida na residência de William, a fim de que ele pudesse tomar os devidos cuidados, caso a menina despertasse. Trancafiada num calabouço gelido e escuro, July mal sabia que havido sido considerada e difamada por William, como uma ameaça à sociedade de Vilade. Suas visões teriam se tornado um prelúdio do caos. Tudo isso para que pudesse manter afastado de seus holofotes, o talento de alguém mais dotado de sentidos do que ele.

Em seu sonho, Jack pode apenas ouvir a voz de July bem ao longe, muito fraca ainda, pedindo ajuda. O que ele faria para salvá-la, ainda não tinha nem ideia. Outro planeta, outra vida, outro sonho. Tudo estava separado pelo inimaginável. Um surreal tão verídico, quanto à luz do sol que invade todos os lares, manhã após manhã.



## Capítulo 13

Amanhecia em Vilade e os primeiros raios de sol adentravam pelas janelas. No calabouço, July ainda era mantida presa por William.

- Teve uma boa noite, menina? – perguntou ele.

- Você é um nojento!

- Oh não! Nojento, eu? Acha mesmo isso? – risos irônicos.

- O que você quer com tudo isso?

- Simples, menina. Te manter fora da atenção de todos por um tempo. Não vê que é uma ameaça para o vilarejo?

- Eu sou uma ameaça? Desde quando?

- Desde quando cruzou meu caminho.

- Esse sempre foi o seu problema, não é? Tem medo de que meus sonhos mostrem coisas que sua suposta inteligência não é capaz de lhe mostrar.

- Não é medo. Digamos que seja apenas precaução.

- Não sei como meus pais acreditam em você e puderam me deixar aqui trancada. É inacreditável que tudo isso possa estar acontecendo.

- Seus pais só se preocupam com você. Ponha-se no lugar deles. O que você faria se tivesse uma filha que sonha todos os dias com alguém de outro planeta e ainda se apaixona por essa figura ilusória de seus sonhos? É no mínimo, motivo de cuidados e de perigo para a sociedade, não acha?

July silenciou-se. Viu que aquela conversa não a levaria a lugar algum. Acariciando sua longa barba branca, William lhe trouxe o café da manhã.

- Não quero comer isso. Não sei o que você colocou aí...

- E prefere morrer de fome? Desse jeito quando seus pais vierem te visitar, vão achar que eu não estou cuidando bem de você.

- E você não está mesmo!

- Ora, mas como pode tamanha ingratidão? Não está gostando de minha estadia? - longa gargalhada.

Neste exato momento na residência dos Belgram, Sebastian perguntava a Ana se haviam feito a coisa certa ao deixarem July dopada na casa de William. O coração apertava no peito de Ana também e o remorso por terrível ato assolou seu corpo. Imbuídos de coragem e determinados a trazerem sua menina de volta, se dirigiram à casa do mago.

Na Terra, Jack se preparava para o seu primeiro dia de experiência no Correio Soviético. Não tivera uma noite muito boa. Atormentado pelo sonho distante que tivera com July, não sabia ao certo o que estava acontecendo. Também não poderia ajudá-la de forma alguma. Como se transportaria para tão longe? Seria loucura

mesmo, continuar alimentando expectativas com relação a alguém que só existe na sua imaginação?

Munido de alguns materiais, dirigiu-se para a sede do jornal e admirou-se ao ver que se tratava de um prédio modesto.

- Confesso que fiquei um pouco surpreso com a fachada do jornal. Pensava que seria diferente. - disse ele a Dereck, seu mais novo tutor dentro da instituição.

- Na certa achou bem feio, não é? – risos.

- Sim, achei.

- Pois o que mais importa realmente é o conteúdo, Jack. A Segunda Guerra Mundial deixou marcas muito profundas em todos os cantos do globo. Aqui não foi diferente. Fizemos questão de deixar a fachada dessa mesma forma durante um bom tempo para lembrar as autoridades do mal que fizeram.

- Iniciativa louvável.

- Obrigado!

Momento em que William ouvia batidas na porta. Sebastian e Ana haviam chegado. Contemplando a jovem que adormecera novamente após o café da manhã batizado com mais uma dose de poção, foi atender à porta.

- Sim...

- Oi, William! Tudo bem? Estávamos pensando e talvez seja melhor para July que ela venha conosco e fique em casa. - disse Sebastian.

- Tudo bem, meus amigos. Só os alerto de uma coisa: sua filha teve outra alucinação; desta vez ainda mais grave.

- O que foi desta vez?

- Ela ameaçou todo o povoado de Vilade com uma desgraça horrível, caso não desistamos de tratá-la.

- Mas, como assim? - perguntou Sebastian, muito confuso.

- Bom, entrem, por favor.

O casal adentrou na residência sombria e a pele de Ana pôde se arrepiar com toda aquela áurea nebulosa que envolvia a situação.

- Sentem-se. Fiquem à vontade.

- Obrigado! - disse Ana.

Repousados sobre o sofá da sala, o casal ouviu atentamente todo o relato proferido por William, enquanto este sentava-se sobre a mesinha de canto, junto ao abajur.

- Por volta das três horas da madrugada, July acordou muito nervosa e agitada. Pude ouvir seus gritos do meu quarto que fica no segundo andar. Desci e fui até o calabouço. Por sorte, me precavi e a mantive trancada. Caso contrário não sei o que poderia ter acontecido.

- Não entendo isso. Nossa filha sempre foi uma menina muito calma. Não é do perfil dela agir dessa maneira. – disse Ana.

- Concordo plenamente. July sempre foi um doce de menina. – afirmou Sebastian.

- Isso até ver seu dom ameaçado. Ela teme que possa ficar sem suas premonições e sem essa fantasia louca que tem por este rapaz. – completou William, e após a reflexão de tais informações por parte dos pais da jovem, prosseguiu.

- Ela estava enraivecida como um animal feroz. Também não a reconheci. Foi inacreditável. Por sorte, vocês não viram sua filha nessas condições. Mas podem ficar tranquilos que preparei outra poção e ela está adormecendo tranquilamente agora.

- O quê de tão terrível ela disse a você? – perguntou Sebastian.

- Ela ameaçou o povoado com uma intensa chuva de labaredas de fogo que atingiriam todas as residências e estabelecimentos, campos, animais e pessoas que estivessem em seu caminho.

- Não é possível! Não acredito que nossa filha tenha dito algo tão monstruoso assim. – Ana.

- Para vocês como pais é realmente muito doloroso pensar que um anjinho, o qual cuidaram com tanto carinho desde bem pequenina, pudesse se transformar de uma hora para outra. Posso imaginar a dor de vocês neste momento. – completou William, enquanto dissimulava sua mais horrenda manifestação de ódio.

- Podemos vê-la? - pediu Sebastian.

- Mas é claro que sim! Sigam-me, por favor.

Atravessaram a sala e logo chegaram à escada que levava até o subsolo da residência. Alguns degraus nível abaixo e puderam ver uma espécie de cela, onde July se encontrava caída. As paredes eram todas de rochas ainda maiores do que as usadas no restante da casa, e apenas uma tocha fazia a iluminação do local.

- Meu Deus! O que houve com ela? - perguntou Sebastian, enquanto corria na direção da grade para ficar o mais próximo possível da filha.

- Como lhes disse, ela estava irredutível. Foi difícil, mas consegui que ela tomasse a poção, com a desculpa de que isso a acalmaria mais rápido e poderia então, conversar com aquele rapaz novamente.

A capacidade de formular desculpas esfarrapadas de William aumentava a cada segundo. Sem se dar conta, havia tecido uma trama de inverdades e calúnias gigantesca. Trama esta que colocaria a vida de July em risco, caso saísse dos limites impostos pelas grossas paredes de pedra de sua residência.

- Quero levá-la conosco. Pode abrir a grade, por favor? - pediu Sebastian.

- Claro!

O barulho das correntes se soltando invadia os ouvidos de Ana, anunciando que sua filha enfim, voltaria para casa.

Desacordada sobre o chão frio, July foi erguida por seu pai e colocada em seus braços. A família Belgram, novamente unida, subiu as escadas em direção à sala de estar, enquanto eram supervisionadas por William. Chegando na porta de entrada, agradeceram ao mago pelo cuidado e se desculparam pelo comportamento da filha. Mal sabiam eles que nada do que acabaram de ouvir, havia acontecido de fato.

No exato momento em que viraram as costas e seguiram rumo à sua casa, o casal não se deu conta da aproximação de Simão.

- Senhor William, o que houve com July.

- Ela está muito mal, menino. E vai fazer algo terrível com nosso vilarejo.

- Mas como assim? Eu ia justamente pedir a ajuda do senhor para que eu pudesse conquistá-la e tirar de uma vez por todas esse tal de Jack de seus pensamentos.

- Hum... Então você também sabe dessa história? – William acariciou sua barba branca novamente, como se fizesse parte de um ritual em cada vez que tinha um pensamento funesto. Após refletir, completou:

- Ela prometeu que atingirá Vilade com rajadas de fogo, caso não a deixemos em paz.

- Mas como? – Simão se sentiu completamente perdido neste momento.

- Ela está completamente fora de si.

- Mas a vi sem sentidos, sendo carregada pelo seu pai.

- Ela está assim porque eu a dopei para que pudesse se acalmar. Acho melhor ficar longe dela e se proteger. - alertou William.

- Vou contar para meus pais. Que coisa horrível, meu Deus! Até mais, senhor.

Com um sorriso irônico, William havia cumprido a primeira parte de seu plano. Dentro de poucos instantes, todo o povoado já sabia da notícia fictícia. Agora mais do que nunca, July corria perigo.

## Capítulo 14

Jack continuava entusiasmado com o primeiro dia no Correio Soviético. Ganhou uma pequena mesinha nos fundos do setor editorial, onde poderia escrever seus artigos. A princípio, apenas como passatempo. Uma forma de expressar suas impressões sobre o novo mundo ao qual estava sendo apresentado.

5 fileiras de mesas retangulares medindo 1 metro de largura por 4 de comprimento, antecediavam sua humilde e singela mesinha de 80 centímetros por 1 metro. Sob uma iluminação discreta, ali seriam depositadas suas ideias e seus pensamentos sobre as novas descobertas que estaria prestes a fazer.

O chão da sala editorial era de madeira. Pequenos tacos dispostos perpendicularmente, cuidadosamente mal encerados. Motivo? A cera promove um ruído chato quando os sapatos se movimentam sobre o piso, e isso distrai, tirando a concentração no trabalho.

A sala do Diretor ficava logo no fim do corredor. De lá, através de uma parede envidraçada, ele podia controlar todo o andamento do serviço. Ao mesmo tempo em que tinha sua privacidade protegida num simples fechar das persianas.

No andar de baixo ficava a linha de produção do jornal. Muito barulho provocado pelas inúmeras máquinas que funcionavam a todo vapor. Atrás do prédio funcionava a expedição, onde os lotes eram separados e carregados nos caminhões para distribuição.

O Correio Soviético, apesar de ter uma boa circulação no território regido pelo comunismo, ao qual fazia parte, não compartilhava do mesmo ideal propagado pelo governo. Jack se tornaria uma ferramenta importante na difusão de novas formas de linguagem, principalmente entre os jovens da União Soviética.

\*\*\*\*\*

Pouco tempo após a família Belgram regressar à sua residência, com July ainda fraca, mas já acordada sob a cama de seu quarto, os rumores da difamação inventada por William, haviam ganhado força. Um número muito grande de pessoas já havia tomado ciência do fato, e uma reunião extraordinária do Governo do Povo foi marcada às pressas ainda naquela tarde.

William tratou de sair rapidamente à procura de alguns recipientes. Galões, na verdade, que usaria para concretizar a parte final de seu plano. Chegando ao mercadinho de Estevão, pediu alguns galões que não utilizara mais, tendo como desculpa, a necessidade de armazenar materiais para uma nova experiência.

- Boa tarde, Estevão!

- Olá, William! Boa tarde! Como vai?

- Bem, meu amigo. Por acaso você tem alguns galões que já não usa mais? Estou precisando de alguns para armazenar substâncias para uma nova experiência que tenho de fazer.

- Sim, tenho sim. Vou buscar para você.

- Obrigado. - olhou ligeiramente para a porta do estabelecimento com um ar de contentamento, enquanto novamente, acariciava sua longa barba branca. Este ritual já havia se tornado parte de William há um bom tempo.

Segundos depois, Estevão volta dos fundos do mercadinho com dois galões de mais ou menos 20 litros de capacidade, cada.

- Estes lhe servem?

- Está perfeito! Muito obrigado meu amigo!

- Não foi nada. Já soube da triste novidade com relação à filha de Sebastian? Dizem que ela se revoltou e ameaçou todo o povoado com uma praga. - disse Estevão.

- Fui o primeiro a saber. Seus pais a levaram até mim na esperança de tratá-la de alguma forma, mas o estado dela está bem avançado já. Creio fortemente que estamos correndo perigo.

- Nossa!... Nem me diga. Não é segredo para ninguém que ela tem umas alucinações estranhas que até agora, a bem da verdade, nos ajudaram. Mas a notícia de uma praga colocou todos em alerta. Estão inclusive fazendo uma reunião na sede do governo a respeito disso neste exato momento.

- Vamos aguardar. Deixe-me ir pois a ciência me chama. - risos.

- Vai na fé, amigo!

William saiu do estabelecimento mais contente do que nunca. Bastava apenas colocar um pouco mais de lenha na fogueira para que tudo desse certo.

\*\*\*\*\*

Voltando para casa após um dia de treinamento como o mais novo jornalista de Leningrado, Jack não mais avistou a prostituta na esquina da 15 com a Josef. Pensou consigo: é a primeira vez que passo por aqui e não a vejo. Será que aconteceu algo? No poste em que ela costumava se apoiar para aumentar o grau de sensualidade de suas insinuações, um bilhete colado com fita adesiva dizia o seguinte: “Estou abrindo portas agora. Obrigada!”

Jack sorriu de alegria no instante em que um grupo de soldados passava por si. Era mais uma represália do governo se desencadeando. O garoto já quase em idade adulta, não sabia o que era pior: o terror nazista ou a repressão comunista.

Ele tinha que tirar algo de bom de todas essas circunstâncias que a vida lhe ofereceu como prova. Abaixar a cabeça e lamentar é muito fácil. Nossa situação não mudará se ao invés de lutarmos, chorarmos. O choro não é impedido em momento algum. Muitas das vezes ele traz um alívio necessário para a continuação da jornada. Porém, é necessário perseverar e acreditar que tudo na vida tem um porquê.

Nada acontece sem uma finalidade. Todas as adversidades que enfrentamos surgem para nos lapidar. Somos uma joia bruta que acabou de ser retirada da rocha do infinito. Para que possamos brilhar no território da existência, são necessárias muitas provas. Ao fim de cada uma delas, saímos mais limpos, renovados e sábios.

Não é muito fácil entender tamanha filosofia no exato momento em que as tribulações nos assolam. Mas tenha a certeza de que assim como na identificação de uma grave doença, quanto antes fizermos este diagnóstico, maiores serão as chances de vitória.

Chegando em casa, Jack abriu a porta do apartamento e foi logo recebido com um milhão de perguntas de sua mãe do coração, Matryona.

- E então, meu filho, como foi sua experiência hoje?

- Muito legal, mãe! Ganhei até uma mesa para mim.

- Nossa... Tenho muito orgulho de você!

- Eu também tenho muito orgulho de fazer parte de uma família como a de vocês.

- De vocês não, sua também. Nossa família!

Abraçaram-se e Jack pôde neste momento se lembrar de como seria bom se tivesse sua mãe e seu pai consigo novamente. Mas tudo acontece por um determinado motivo, lembra? E a vida não o desamparou. Colocou em seu caminho pessoas maravilhosas

que estavam mantendo sua força de vontade e seu desejo de fazer a diferença sempre em evidência.

- Onde está meu pai e Stacy?

- Seu pai ainda não voltou do restaurante e Stacy deve estar namorando a esta hora.

Jack sorriu e completou:

- Temos que ficar de olho na minha irmã. – sorriu novamente e seguiu para o quarto retirando sua mochila das costas e imaginando se nesta noite conseguiria sonhar com July. Apesar do dia agitado e cheio de novidades que tivera, estava com seu coração atormentado pelas visões que tivera com ela na última noite. Caída, fraca, pedindo ajuda.

## Capítulo 15

A solução explosiva de William estava quase pronta. Faltava adicionar só mais um ingrediente. Armazenada nos dois galões de 20 litros, seria utilizada para levar aos ares o celeiro abandonado no fim da pequena ruazinha, bem ao lado da praça central.

Já anoitecia, e o espetáculo provocado pelas labaredas de fogo subindo rumo ao céu, levando consigo as madeiras já velhas do celeiro, seria ainda mais impactante. A reunião na sede do governo já estava para acabar, quando William, sorratamente, passou por detrás dos estabelecimentos que circundavam a praça, indo em direção ao celeiro.

Na residência dos Belgram, July acabara de receber um delicioso jantar preparado por sua mãe. Seus pais queriam saber ao certo, o que havia acontecido enquanto estava na casa de William. Calma, July explicou que ele a dopou por duas vezes e ela adormeceu, acordando novamente já em sua casa.

- William disse que você acordou de madrugada enraivecida e prometeu uma praga ao vilarejo, caso não desistamos de tentar fazê-la esquecer desse menino com quem sonhas.

- Papai, acha mesmo que eu seria capaz de uma coisa como esta? – pausa.

- Não conhece sua filha? – completou.

- Mas é claro que conheço minha filha. Por isso mesmo meu espanto ao saber de uma coisa como esta.

- William tem inveja de mim pelo dom que possuo. Ele mesmo me disse isso.

- Então quer dizer que você está bem? – perguntou Ana.

- Mas é claro que sim, mamãe.

- Ai que bom! – abraçaram-se todos sobre a cama de solteira do quarto de July.

- Tem uma coisa que não encaixa nesta história. Se William inventou uma coisa como essa, ele é muito perigoso. Pior ainda, se esta história se espalhar, você correrá perigo minha filha. – disse Sebastian.

- Não havia pensado nisso antes, meu amor. – completou Ana.

July apenas engoliu seco, sem nada dizer.

De repente, um barulho enorme de explosão invadiu todos os cantos de Vilade com uma força incrível. Não sabemos qual o material que William utilizou para fazer sua substância inflamável, mas funcionou perfeitamente. Do celeiro, nada restou. Da janela da sede do Governo do Povo, todos olharam admirados o fogo saindo por todos os cantos do celeiro e levantando como se fosse um pedaço de papel velho, o telhado do lugar. Todas as paredes ruíram com a força da explosão e as taboas de madeira voaram a uma distância considerável.

William, já afastado do local, observava atentamente o dissipar de toda a bola de fogo que se formou no céu de Vilade. Cavalos assustados saíram correndo feito loucos pelas ruas do

vilarejo. Na residência dos Belgram, um sentimento de terror tomou conta do coração de um por um. Mobilizados, todos da sociedade marcharam firmes na caçada de July.

Tendo esta primeira explosão como sendo um prelúdio do caos que viria atingir a todos, quando a promessa se cumprisse, a população tratou de resolver com suas próprias mãos e cortar o mal pela raiz. July Belgram era a partir de agora, considerada uma bruxa da pior espécie e uma ameaça a todos do povoado.

Pela janela, Sebastian avistou ao longe o fogo que ainda consumia o que restou do celeiro e pôde ver as primeiras aglomerações de pessoas vindo em direção à sua casa.

- Meu Deus! Fogo!

- O que você disse, meu amor? – perguntou Ana.

- Fogo! Tem pessoas vindo em nossa direção. – fez uma pausa e completou:

- O que você fez, minha filha?

- Vocês bem viram que eu não fiz nada. Estou aqui conversando com vocês. Será possível que não acreditam em mim?

- Tem razão. Desculpe-me! – lamentou-se Sebastian.

- Você precisa fugir, minha filha. – disse Ana.

- Mas eu não fiz nada, mãe.

- Agora não é hora para heroísmo. Proteja-se! Salve sua vida!

Pai, mãe e filha saíram em disparada rumo aos fundos da casa para pegar os cavalos. July foi a primeira a montar e sair galopando rumo ao bosque de Vilade. Sebastian e Ana se dirigiram para a frente da casa para distrair a multidão e ao mesmo tempo fazer com que July ganhasse distância.

- Onde está a filha de vocês? – perguntava o povo acalorado.

- Está dormindo. Por quê? – disse Sebastian.

- Ela é uma bruxa! Uma ameaça para todos nós!

- De onde vocês tiraram essa ideia? Conhecem nossa filha desde pequena. É um doce de pessoa. – Sebastian.

- Isso foi antes de levar pelos ares o celeiro do fim da rua. Sua promessa está se cumprindo.

- Não sabemos do que vocês estão falando. – replicou ele.

- Se July está mesmo dormindo, o que vocês dois fazem do lado de fora, montados em cavalos? – perguntou um ancião, membro do conselho do governo.

- Ouvimos um barulho muito forte e estávamos indo ver o que tinha acontecido. – respondeu Sebastian.

O semblante de Ana não demonstrava nenhuma calma naquele momento. Apavorada, quando as primeiras pessoas adentraram em sua casa, à caça de July, saiu com Sebastian rumo ao bosque na tentativa de encontrar sua filha primeiro.

- Eles estão fugindo! Olhem! Vamos atrás deles!

Os cascos dos cavalos faziam um horrendo ressoar pelas ruas de Vilade. A caçada havia começado e só Deus poderia prever o final dessa história. Pela janela de casa, William assistia de camarote toda a cena que se desenrolava sob seus olhos.

No lombo do cavalo indo a toda velocidade bosque a dentro, July sentia medo e imaginava não retomar mais sua vida habitual. Parecia que havia entrado involuntariamente num caminho sem volta.

Jack, esta noite não teria mais sonhos. E sim, o pior pesadelo de toda a sua vida.



## Capítulo 16

Suando frio sob sua cama, Jack não conseguia sonhar com July mais uma vez. Estava na realidade, tendo uma visão meio distorcida dos fatos que naquele exato momento, aconteciam no planeta Lux. Agitado, revirava-se de um lado ao outro da cama, como se pudesse de alguma forma, ajudá-la.

Ofegante, July diminuía as passadas de seu cavalo na esperança de já ter tomado distância suficiente. Há pouco recobrou sua consciência após o fim do efeito da poção de William. Sentia-se cansada. Pensou em se esconder um pouco. O bosque estava completamente às escuras, seria um bom local para passar a noite a salvo.

Não muito distante dali, grande parte da população de Vilade estava à sua caça. Cavaleiros, caminhantes, carroças e todas as formas possíveis de locomoção se faziam presentes na empreitada organizada às pressas. Munidos de tochas nas mãos, avançaram bosque a dentro sem nenhum receio do desconhecido.

A esta altura, Sebastian e Ana já haviam se distanciado um pouco e conseguiam chamar pelo nome de July, sem serem notados pelos demais moradores do vilarejo. O som das argolas de ferro se debatendo no freio dos cavalos, fazia um estalido seco, o qual ecoava por entre as árvores, compondo uma trilha sonora medonha, para o que ainda poderia estar por vir.

July achou por bem, se distanciar um pouco mais. Tornou a montar e saiu cavalgando, desta vez um pouco mais

vagarosamente. Foi quando ouviu uma voz que gritava ao longe, bem atrás de si.

- July!!!...

Era um grito agudo e ao mesmo tempo carregado de emoção. Ana colocava toda força de seus pulmões à prova. O ar que continha não seria o suficiente para saciar todo o desejo de encontrar sua filha novamente e bem.

- July!!!...

- July!

Desta vez o grito veio acompanhado de uma voz mais grave. Era Sebastian que seguia lado a lado com Ana, tentando de todas as formas, encontrá-la. July sentiu que deveria voltar alguns metros e certificar-se de que se tratava de seus pais.

Na escuridão do bosque, nem a luz da lua ajudou muito no reconhecimento do caminho, quanto menos das pessoas. Pais e filha estavam juntos de novo, mas por quanto tempo, ninguém sabia.

- Filha! Ai, minha filha! Como você está? - disse Ana enquanto a abraçava fervorosamente.

- Estou muito nervosa, mãe. Não sei o que está acontecendo.

- Eles acham que você é uma bruxa. Pensam que a explosão foi provocada por ti e querem pegá-la. A mentira de William funcionou. - disse Sebastian, lamentando-se por ter de dizer tais palavras.

- Meu Deus! O que será de mim agora?

- Acalme-se minha filha. Tudo dará certo! - e abraçando-a mais uma vez, Ana grudou seu rosto ao da filha, como se não quisesse separá-los nunca mais.

Ao longe, Sebastian percebeu as luzes das tochas se aproximando.

- Eles estão chegando mais perto. Posso ouvir passos de cavalos às pressas. É melhor você ir minha filha. Eu e sua mãe faremos o possível para detê-los.

- Tudo bem, meu pai.

Pai e filha se abraçaram pela última vez antes da despedida. July subiu novamente em seu cavalo, e alisando o pelo que cobria o pescoço do animal, disse:

- Preciso de você, amigão! Ajude-me a sair dessa, por favor. Vamos, Corcel! - e virando seu tronco para trás, acenou para seus pais no instante em que com uma cutucada na barriga de Corcel, saiu a todo vapor pelas densas névoas do bosque escuro.

Sebastian e Ana seguiram o mesmo rumo, porém, numa velocidade mais reduzida. O objetivo era interceptar a população revoltada, sem perder July de vista.

Os primeiros vestígios da luminosidade de lua já se mostravam aparentes, quando a jovem finalmente deixou o bosque em direção aos verdes campos de Vilade. Ainda sob influência da névoa espessa que cobria o solo naquele momento, Sebastian e Ana

foram alcançados pelos primeiros cavaleiros que puxavam o grupo.

Munidos de tochas e armas, ofereciam maior perigo do que o pobre casal que dispunha apenas de seu enorme amor e vontade de justiça que carregavam dentro do peito.

- Ninguém passará por mim.

- Ora, Sebastian. Agora não é momento para heroísmo. Não temos nada contra você, o negócio é com sua filha.

- Bem dizeis. Minha filha! Meu sangue!

- Os cavalos bufaram neste instante e suas patas bateram fortemente contra o chão.

- Não nos deixa outra alternativa, meu amigo. – disse Onofre, chefe da casa de reuniões religiosas.

- Venham homens! – completou ele.

A multidão passou pelo casal sem tomar conhecimento. Atingidos por pedaços de pau, ambos caíram ao chão e quase foram pisoteados.

- Não podemos deixar que eles alcancem nossa filha, Ana.

- Vamos, meu amor. Depressa! Vamos atrás deles. – pediu Ana.

\*\*\*\*\*

Em Leningrado, Jack permanecia atordado com as visões que estava tendo. Estarrecido sobre a cama, o jovem transpirava como se estivesse participando de uma maratona. Sentia toda a agonia de sua amada, sem nada poder fazer para ajudá-la. Como num estado de perturbação, via seu corpo disperso em meio a todos aqueles pensamentos. Era tudo muito intenso. Muito vivo. Real!

\*\*\*\*\*

Após uma longa noite de cavalgada. July já era coberta pelos primeiros raios de sol da manhã. Suas forças exigidas ao máximo num esforço sobre-humano, estavam se findando. Virando sua cabeça num movimento com cerca de 180°, percebeu que seus até então, vizinhos, estavam muito próximos de si.

O suor cobriu-lhe a testa, no instante em que uma gota “cortou-lhe” verticalmente um caminho na face. Corcel, também cansado, após uma noite de intensa fuga, fraquejou das pernas e veio ao chão. Estavam em frente à Gruta dos Anjos, local muito querido por todos do vilarejo. Campo verde, imenso. Uma gruta encravada na montanha de beleza estonteante. Local belo demais para a cena que todo o povoado presenciou.

Com a queda, July foi arremessada de encontro à pedra que se encontrava logo à frente da gruta. Caída ao chão, recebeu o impacto de Corcel que rolou seu imenso corpo por sobre a jovem, até deixá-la completamente livre novamente. Tarde demais. Em sua face, algumas gotas de sangue rolaram. O sono que sempre foi seu companheiro em todos os dias de sua vida, parecia-lhe agora, eterno.

Todos chegaram junto ao corpo e a raiva que sentiam deu lugar a um remorso incalculável. Ana e Sebastian desceram correndo de seus cavalos e foram ao encontro da filha. Não acreditaram no que viram. Quanta dor!

- Não!!!!!!!!!!!!!!...

Um grito mútuo. Único. Que exprimia todo o sentimento de dor e indignação que os assolava naquele momento. Por alguns instantes, ficaram ambos, abraçados ao corpo da filha sem nada dizer.

\*\*\*\*\*

- Jack?! Está me ouvindo?

- July?

- Sim! Sou eu. Não se preocupe. Não morri se não no corpo. Minha alma estará sempre com você.

- Que coisa horrível que te aconteceu, meu amor.

Tais palavras invadiram-na de uma forma diferente. Ele tinha dito “meu amor” de uma forma tão profunda, que era difícil descrever a reação que se desencadeou no espírito da menina.

- Também te amo! E a partir de agora, estarei mais perto de você do que nunca. Fique com Deus! E lembre-se: se quiser conversar comigo, basta fechar os olhos e pensar em mim, que virei ao seu encontro.

Jack então acordou. Exausto, com os olhos cheios de lágrimas, não sabia o que pensar. Sua vida era um livro confuso de se entender. Agora mais do que nunca, praticamente se tornara indecifrável.



## Capítulo 17

Sob os olhares de todos, Sebastian e Ana permaneceram agarrados ao corpo da filha por mais alguns longos minutos. Calada, a população de Vilade não esperava de forma alguma um fim como este. Apesar da caçada que varou noite a dentro e da vontade de fazer justiça com as próprias mãos, nenhum daqueles pobres coitados, enganados por William, imaginaria algo tão trágico para a jovem July.

Sujo de terra, Sebastian a segurava junto ao peito, enquanto continuava sentado ao chão. Ana da mesma forma, a acariciava a face e alisava seus cabelos, como se tivesse voltado no tempo e a aprontasse para o primeiro dia de aula. Foi um baque tremendo para a família Belgram.

Sentindo-se culpados, os moradores do vilarejo não arredaram os pés do campo em frente à Gruta dos Anjos, enquanto a família permaneceu por lá. Pareciam velar o corpo de July com o seu pesar. Minutos mais tarde, Ana se levantou e com lágrimas nos olhos, disse ao marido que era hora de partir e encarar de frente a situação.

Sebastian ergueu July sobre seus ombros e a colocou sobre o dorso de seu cavalo. Corcel foi guiado por Ana que voltou montada em seu cavalo, assim como quando partira na fuga. Sebastian, segurando as rédeas com uma das mãos, e a cabeça de July com a outra, cavalgou vagarosamente, como que em cortejo. Fizeram todo o caminho de volta em silêncio. Chegaram

novamente em Vilade já no fim da tarde, com o sol quase que se pondo.

Pela janela, William presenciou o momento em que o cortejo adentrou nas ruas do povoado, puxado pelo casal Belgram que trazia consigo, July já sem vida. Entusiasmado pela cena que vira, levou sua mão para trás na esperança de pegar um copo de vinho, o qual estava bebendo antes de ir bisbilhotar pela janela. Entretanto, esquecera-se que havia deixado sobre a mesma mesinha da sala na noite anterior, um recipiente de experimentação com o líquido inflamável utilizado na explosão do celeiro.

Tão fixado estava nas imagens que a fresta da janela lhe transmitia, que não percebeu a diferença do recipiente, muito menos do conteúdo que o mesmo trazia. Quando percebeu já era tarde. Com uma golada generosa, William saboreou de seu próprio veneno. Levando as mãos à garganta, nada pôde fazer em seu próprio bem. A morte levou-o subitamente. Em questão de segundos, seu corpo já se encontrava estirado, sem qualquer sinal de vida sobre o tapete da sala. Sozinho e afastado de todos como era, só viria a ser encontrado meses depois já em estado de decomposição.

O restante da população que ainda havia permanecido no vilarejo, surpreendeu-se com o acontecido. Viam centenas de pessoas regressarem, trazendo consigo um semblante de tristeza e dor. Ao perguntarem o que havia acontecido, e receberem a explicação como resposta, mal podiam acreditar no que seus ouvidos insistiam em temer, mas que seus olhos forçosamente lhes faziam acreditar.

Ana desceu do cavalo primeiro e ajudou Sebastian a retirar July de cima do dorso do animal sem dizerem uma palavra sequer. O silêncio foi quem regeu toda a ocasião. Ao adentrarem, Ulisses, chefe do Governo do Povo que também saiu à caçada da moça, se dirigiu a Sebastian em tom amistoso:

- Podemos lhes ajudar em algo?

Com o coração partido em mil pedaços e sentindo uma dor do tamanho do mundo, Sebastian olhou fixamente no fundo de seus olhos e disse firme e calmamente:

- Deixem-nos em paz.

Após fecharem a porta, o casal se abraçou de forma muito afetuosa e derramaram todas as lágrimas que haviam contido durante a viagem de volta. Passaram a noite preparando o corpo da filha para o sepultamento. Ana a vestiu com um lindo vestido branco, cheio de detalhes em renda, o qual era o que July mais gostava de usar. Sua pele foi cuidadosamente limpa e os cabelos penteados como que para uma grande festa.

Cuidaram-na como se ela acabasse de nascer. E de um certo modo, foi exatamente isso mesmo o que aconteceu. Porém, um nascimento para uma nova vida. Na manhã do dia seguinte, Sebastian preparou a sepultura no pequeno cemitério da família, localizado ao norte da propriedade, cerca de 150 metros distante da casa.

Sobre os olhos, Sebastian passou o dedo polegar e a beijou; e um véu branco envolveu todo o seu corpo, antes deste ser inserido em sua nova morada. Ao menos, para a parte física, a matéria. Coberto por pedras e com uma cruz entalhada às pressas com a

data de nascimento e de óbito de July, o corpo foi enfim, entregue ao descanso carnal. A cerimônia foi acompanhada apenas pelos pais, que no fim, abraçados um ao outro, permaneceram ali, junto da filha por mais um longo tempo. Rezaram e com toda a certeza, puderam sentir a presença de July que se encontrava bem aos seus lados.

Apesar da incapacidade de visualizar o imaterial, sabiam da existência da filha. E esta, consolava seus pais na medida do possível com sua presença durante todo o tempo.

\*\*\*\*\*

Jack foi para a escola com o pior dos sentimentos dentro do peito, e nada pôde fazer além de permanecer em silêncio e deixar escorrer algumas lágrimas de seus olhos. Na redação do jornal, escreveu um pouco sobre as impressões da vida e pouco se importou em levar o pedaço de papel para casa. O diretor Francklin, o encontrou mais tarde e o leu.

“É impressionante como os valores se perderam quase que por completo. Ego, futilidade, uma vida de aparências falsas. O que o ser humano está fazendo consigo próprio? Muitas vezes fico quieto. A maioria das pessoas acha que isso é timidez ou arrogância, desfeita... Na verdade é o puro estado de alguém triste com o que vê no dia a dia. Cada nova história absurda que entra pelos meus ouvidos, acompanhada de um comentário absolutamente igual por parte de outros ouvintes, é digerida por mim com um simples silêncio. Muitas das vezes, aqueles que nada dizem se importam muito mais do que aqueles que se manifestam. Hoje um pedaço de papel vale mais do que conhecimento verdadeiro. Uma marca vale mais do que caráter. A vida pela vida sem nenhuma motivação significativa do eu interior. O status pela

visibilidade. A fama, a ostentação. O ser humano é aquilo que mostra ou aquilo que nunca mostrou? O espetáculo da vida perdeu o sentido, a graça e principalmente o conteúdo. O pior nisso tudo é que a sociedade acha graça, bate palma e paga o ingresso mais caro para assistir ao seu próprio naufrágio de camarote. ”



## Capítulo 18

A vida já não tinha o mesmo gosto para Jack naquele instante. Os dias nublados de Leningrado, agora pareciam ainda mais densos. Quando chegou em casa após um dia de treinamento no Correio Soviético, passou pelo corredor sem muito dizer à sua família e se dirigiu para o quarto. De portas fechadas, cerrou os punhos contra a parede e seus olhos lacrimejaram levemente. Retirou a mochila das costas e pondo-se de frente para a janela, a abriu e contemplou a paisagem da cidade enquanto pensava na vida.

- Perdi meus pais e ganhei uma nova família. Agora, perdi quem me acompanhou durante tantos anos.

Interrompendo esse leve momento de desespero, uma voz interior lhe dizia: você não a perdeu.

Jack tratou de tomar logo o seu banho pois o dia estava frio e a tendência era de a água ficar cada vez mais gelada à medida em que as horas fossem se passando. No jantar, sua família percebeu o modo distante como ele se comportava.

- O que foi, meu filho? - disse Afanasi.

- Nada, meu pai.

- Alguma coisa aconteceu sim, Jack. Você está longe, longe. - completou Matryona.

- Ele está no mundo da lua, mãe. - brincou Stacy.

- Só estou um pouco chateado. Só isso. - afirmou.

- Foi alguma coisa no jornal, meu filho? - perguntou Afanasi novamente.

- Não, pai. Longe disso! Lá é ótimo e todos me tratam muito bem. São coisas da minha vida interior mesmo.

- Entendo. - disse Afanasi, pensando se tratar de algum momento de dor relativo aos pais biológicos do garoto.

- Vou me deitar. Quem sabe tenho bons sonhos e isso me alivia um pouco? - deu um leve e amarelo sorriso e se retirou.

Sua família ficara relativamente preocupada com ele. Não era comum Jack se sentir para baixo assim. Desde que chegara em suas vidas, o jovem sempre demonstrou um tremendo poder de superação de todas as suas mazelas. Porém, tinham consciência que até o mais bruto dos seres, carrega uma dose cavalgar de sentimentos dentro de si. E com Jack não seria diferente.

Não foi fácil adormecer naquela noite. Depois de cerca de duas horas se revirando na cama, ele finalmente encontrou o descanso do corpo e sua alma pôde ir ao encontro de seu verdadeiro amor.

Não precisou nem mesmo sair de seu quarto. July já se encontrava ao seu lado, sentada sobre sua cama esperando o momento em que seu corpo adormeceria.

- Nem posso acreditar que estou te vendo novamente. - disse ele eufórico.

- Eu lhe disse para ter calma. Lembra do que te falei na noite passada? Apenas meu corpo morreu. Eu continuo viva! E estarei mais perto de você do que nunca.

- É verdade! - Jack a abraçou muito sensivelmente. Seu espírito, ainda ligado ao corpo, retinha os cuidados terrestres e não hauria de todas as suas faculdades como em seu estado normal de ser imaterial.

- Como pôde vir até o meu quarto?

- Simples, Jack. É tão fácil que você não vai nem acreditar. Pelo pensamento.

- Como assim?

- Você pensou em mim durante o dia todo. Eu também queria muito estar ao seu lado. Os espíritos se ligam pelo pensamento. Digamos que nossa sintonia seja a união do útil com o agradável.

- Meu Deus! - tal exclamação de Jack resumia toda a perfeição na criação do universo e suas peculiaridades e mistérios.

O casal passou bons momentos e o espírito sofredor do jovem, pôde enfim, entender que a partir daquele momento, estaria mais acompanhado do que nunca. Havia ganhado uma parceira que velaria não apenas seu sono, mas o acompanharia por onde fosse em todos os seus dias.

Se olhares fossem capazes de formular palavras, faltariam adjetivos para descrevê-los naquele quarto escuro de um pequeno apartamento em Leningrado. Um amor incomum, quase que

impossível havia surgido entre ambos já há bastante tempo. A cada dia que se passava, essa trama de eventos incomuns que regia todo o enredo por detrás de uma história magnífica, ganhava contornos ainda mais espetaculares.

Matryona, preocupada com o filho, resolveu se levantar e foi até o quarto de Jack para vê-lo. Girou a maçaneta com cuidado para fazer o mínimo de barulho possível. Flutuando sobre os móveis do quarto, ambos perceberam a sua chegada e July disse a ele:

- Parece que sua mãe veio lhe ver. Ela está preocupada com você.

- Está sim. Sinto isso também. Mas pode deixar que a partir de hoje não demonstrarei mais baixo astral. – ela sorriu e disse:

- Muito bem, rapaz! Quero só ver heim... Não se esqueça que agora eu vejo tudo o que você faz.

- Você me viu no banho hoje?

Ela deu uma grande gargalhada e levou a mão à boca para tentar disfarçar um pouco. Em seguida, com um sorrisinho tímido nos lábios, confirmou:

- Vi sim. Não resisti.

- July, July... – disse ele.

No fundo, no fundo, havia gostado da informação também. Tanto é que consentiu com o ato um tanto atrevido da garota.

- Tudo bem, vai. – risos.

Neste momento, Matryona chega mais perto do corpo de Jack e lhe acaricia a face. Ele sente o contato e percebe que era hora de retornar ao seu habitat. July confirma:

- É melhor você voltar agora. Estarei aqui com você. Não se preocupe.

- Tá bom! Até breve, meu amor!

- Até... Meu amor! – no momento em que a última palavra era proferida, Jack retornara ao seu corpo, que mexeu sutilmente como que se estivesse se ajeitando para mais uma boa dose de sono profundo.

Matryona o cobriu melhor com o edredom e se retirou. July, ao seu lado, lhe fez companhia durante todo o resto de noite.

Amanheceu na União Soviética e Afanasi foi até o portão do prédio buscar o seu jornal matinal. Ao abri-lo na segunda página, se deparou com um texto muito inteligente e profundo. Parecia que seria a mais nova coluna do Correio Soviético, intitulada “Palavras do Futuro”. Nela, alguém explanava sua visão da vida. Em como os valores haviam se perdido na sociedade atual e no naufrágio de toda uma civilização devotada ao consumismo, soberba e em cultivar futilidades. No fim da mensagem, um nome lhe chamou a atenção. Dizia assim: “Autor: Jack Kotschy. ”

Afanasi correu para mostrar o jornal ao filho que vinha pelo corredor para tomar seu café da manhã. Jack quase não acreditou no que viu.

- Mas este texto eu escrevi ontem lá na redação do jornal. Saí e deixei sobre a mesa. – ele parecia confuso.

- Isso não é ótimo, meu filho?! Tão pouco começou a estagiar e já publicaram um texto seu. – disse Afanasi que tratou de acordar todos da família para dar as boas novas. Enquanto isso, Jack balbuciou:

- Com certeza é muito bom! Um prazer aliado a uma grande responsabilidade. O momento de fazer a diferença chegou.

## Capítulo 19

Era 4 de outubro de 1949. Extasiado com a matéria no jornal, Jack mal podia conter-se de tanta alegria. Sem ser notada, July estava ao seu lado, sorrindo, alegre com sua mais nova conquista.

Jack correu para a sede do jornal levando sua inseparável mochila nas costas. Seus pés se molharam um pouco ao pisar nas poças d'água acumuladas pela fraca chuva da noite passada. Subiu as escadas do Correio Soviético e logo Dereck o recebeu com um sorriso no rosto e uma pergunta:

- Tão cedo assim, Jack?
- Corri para cá assim que vi meu texto no jornal.
- Também vi. Meus parabéns!
- Obrigado! Preciso falar com o senhor Francklin agora.

Seguiu ele pelo corredor formado de mesas de trabalho até a sala do diretor. Pela vidraça, Francklin percebeu a aproximação do garoto. Abriu a porta e pediu que este entrasse e se sentasse.

- Vejo que já leu o jornal de hoje, não é mesmo?
- Sim, senhor. Li sim!
- Vi seu texto sobre sua mesa ontem, logo depois que você saiu. Percebi que você não estava muito bem, mas apesar disso, conseguiu redigir algo muito bom e profundo.

- Obrigado, senhor.

- Então, tomei uma decisão. A partir de hoje o Correio Soviético terá uma nova coluna. Se chamará: Palavras do Futuro. Sempre que você tiver ideias em mente, coloque-as no papel e me mostre. Aprovando-as, publicarei.

- Nossa!... – Jack deu um leve sorriso e seu pulmão se encheu de uma coisa muito boa que entrou junto com o oxigênio. Em seguida, completou:

- Só posso lhe agradecer pela oportunidade. Agora tenho que ir para a escola. Logo mais estarei de volta para o meu estágio.

- Tudo bem! Esperamos você.

Na escola, o assunto principal entre os professores era o texto de Jack publicado tão repentinamente num veículo de comunicação expressivo como o Correio Soviético.

Na sede do governo em Moscou, os boatos de um conjunto de palavras inovadoras publicadas num jornal chegaram aos ouvidos do mais alto escalão. A princípio, não trouxeram nenhum efeito negativo, mas aguçaram a atenção em relação ao veículo de comunicação. Mal sabiam eles de que se tratava de uma mente brilhante de 16 anos de idade.

Correio Soviético, edição de 5 de outubro de 1949. Coluna Palavras do Futuro: “Nós só temos uma chance. O agora não é eterno, assim como o amanhã é incerto. Viva hoje, chore hoje, ame hoje, ria hoje... O amanhã pode nunca chegar. O depois pode nunca acontecer. Nossa única certeza obtida a um segundo atrás, já se tornou obsoleta e parte de um passado que já não permite ser

editado. Seja um eterno desbravador de expectativas. Traga seu futuro para o seu presente e jamais deixe grito algum ser mais alto do que a voz do seu coração. ”

O burburinho da segunda edição contendo a coluna do jovem Jack Kotschy, gerou ainda mais envolvimento dos Soviéticos. Deixara de ser uma mensagem de rancor e tristeza e passara a ser de esperança.

Ao voltar da escola e ir novamente rumo ao jornal, foi perguntado por um velho senhor que fazia das calçadas, sua moradia, sobre o porquê daquele sorriso no rosto. Jack respondeu:

- Sempre temos um motivo para chorar ou para sorrir. Mas será que os motivos são sempre necessários?

- Como assim, garoto?

- O senhor por exemplo, já se sentiu triste sem nenhuma explicação e ao acordar no dia seguinte, percebeu como estava bem consigo mesmo?

- Sim. – pensativo, o velho observou o garoto de mochila nas costas e meio que arrependido por tê-lo instigado, escutou:

- Pois então, senhor. É isso! Tenho um motivo para sorrir no dia de hoje, mas poderia sorrir sem motivo algum.

- Eu heim... Isso parece papo de louco. – disse o velho sorrindo levemente.

Jack retirou sua mochila, sentou-se ao lado do velho e encostou suas costas na parede de um prédio que ficava nas

proximidades do jornal. A mochila, repousou-a entre as pernas dobradas verticalmente. Chegou seu rosto bem próximo ao do velho e olhou para o céu. O velho intrigado, olhou juntamente com ele. Em seguida, Jack disse:

- Se soubesse voar, ainda assim não estaria satisfeito. - colocando a mão sobre sua mochila, continuou:

- Se soubesse dar forma aos meus sonhos, ainda assim não entenderiam meus devaneios mais profundos. - ajeitando seu relógio de pulso, presente de Afanasi, seguiu:

- Se soubesse controlar o tempo, ainda assim não me sobraria tempo para muitas coisas. - e repousando a mão sobre o ombro do velho, terminou:

- Se soubesse a cura da loucura, ainda assim permaneceria louco. Pois só os loucos sabem como é bom não ser normal.

O velho o olhou no fundo dos olhos e perguntou se ele havia batido a cabeça quando criança. Jack sorriu e perguntou porque ele fazia das calçadas sua casa.

- Não tenho mais o que fazer na vida, garoto. Agora é esperar a morte chegar.

Jack abriu sua mochila e retirou um jornal.

- Tome! Não deixe de ler a segunda página. - em seguida se retirou.

O velho, ainda bastante confuso com a atitude do jovem, pôde iniciar a leitura de um artigo que dizia assim: “Nós só temos uma chance.”



## Capítulo 20

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 06/10/1949.

“A escada da evolução é composta por diversos degraus. Muitos destes, foram erros cometidos e superados. Cometê-los novamente é como que pisar duas vezes num mesmo degrau. Você não cairá da escada por isso, mas sua subida será retardada um pouco mais. ”

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 07/10/1949.

“A vida não é feita de fórmulas pré-concebidas. É um novo descobrir a cada instante. Estar aberto às novas ideias, é dispor-se a visualizar um outro horizonte que se abre aos nossos olhos. Criar sua própria linha de pensamento, é tornar-se autor de si mesmo. Seja crítico! Queira saber o porquê das coisas e não limite sua enorme capacidade de compreensão ao conformismo. Pois ele só nos leva à estagnação. ”

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 08/10/1949.

“A vida é um espelho que reflete todas as nossas emoções. Se estamos amargos por dentro, tudo será ruim aos nossos olhos. No entanto, se estamos felizes conosco, todo o universo parece conspirar a nosso favor. Na verdade, ele está apenas amplificando as boas energias que emanamos sem perceber. ”

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 09/10/1949.

“Há tempo de plantar e tempo de colher. Tudo acontece quando tem que acontecer de acordo com o que fazemos para isso. O produtor colhe feliz a sua safra na época certa, pois plantou e cultivou o campo no período certo. Se apenas esperasse que as sementes germinassem e fizessem todo o trabalho sozinhas, não veria um broto sequer. Experiências ruins existem para que estejamos preparados quando as verdadeiramente especiais vierem, e saibamos dar o seu devido valor. É como na escola: ninguém faz uma equação de segundo grau se não tiver aprendido a tabuada quando pequeno. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro - 10/10/1949.

“Devemos aprender que nem tudo se diz. Entender que o que nos diz respeito, deve se referir sempre à 1ª pessoa do singular. O silêncio é tão perfeito em sua simplicidade que mil palavras não são capazes de traduzi-lo. Expor problemas, é como que amplificar energias ruins. Há um ditado que muitos gostam de citar: "minha vida é um livro aberto." Porém, até mesmo em uma biblioteca, todos os livros estão fechados à espera de alguém que se interesse realmente pela sua história e queira abri-lo. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro - 11/10/1949.

“Saber que as dificuldades existem para o seu crescimento e não para lhe abater, é o princípio básico para tirar proveito dos ensinamentos que a vida tem para nos oferecer. Podemos ser comparados a uma massa de bolo. Para que cresça, é necessário que se bata bastante. A vida se encarrega dessa missão. Cabe a nós optar por crescer ou ficar apanhando para sempre. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro - 12/10/1949.

“Todos nós um dia já nos perguntamos qual seria o segredo da vida. Uns, cansados de tanto trabalhar, pouco tem tempo para a família. Outros, apreciam tanto estar em família, que não gostam de trabalhar. Uns se divertem como se a vida acabasse hoje. Outros se comprometem ao máximo como se ela não acabasse nunca. Uns amam por si e por outros. Outros, nem mesmo por si. A vida é uma balança onde o equilíbrio é fundamental. Tudo o que é demais, se torna prejudicial; inclusive as coisas boas. Como dizem: "a diferença do remédio para o veneno, é a dose." Equilibre-se! “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 13/10/1949.

“O que você fez de cada crítica que recebeu? O que fez de cada elogio? De cada tropeço e de cada queda? De cada vez que subiu ao pódio sozinho e não obteve aplausos por isso? O que você fez da opinião dos outros a seu respeito? São eles que sabem o que você realmente é, ou essa certeza só pertence a você? Na vida, nos deparamos com muitas especulações. Filtrar o que é bom do ruim é mais do que necessário. Todos os dias as pessoas nos moldam a seus gostos. Cabe a nós aceitarmos ou não. Uma opinião é apenas uma opinião. O que você é de fato, cabe unicamente a você. Uma consciência tranquila vale mais do que mil palavras de bajulação. Você é o escultor de si mesmo. Não deixe que ninguém te molde contra sua vontade. Pense nisso! “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 14/10/1949.

“Quantas vezes já nos vimos perdidos? Encurralados entre caminhos que aparentemente não nos levarão a lugar algum? Várias são as vezes em que isso acontece. E ao contrário do que podemos pensar, todo caminho nos leva a algum lugar. Às vezes, perder-se no caminho é essencial. Achamos que somos algo até ficarmos diante de uma situação que nos mostra realmente o que

somos. Fortes ou fracos, determinados ou não. Perder-se é puramente uma grande oportunidade de encontrar-se consigo mesmo. Nosso caminho é feito disso. Perca-se! E siga sempre seu caminho. A viagem é mais importante do que o destino final. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro - 15/10/1949.

“Por mais que doa uma decepção, não podemos pensar que todos agirão conosco da mesma forma. Mesmo que voltemos a nos enganar de novo e de novo, acreditar que existe alguém merecedor de nossa confiança é acreditar no ser humano. Nivelar todos pela mesma régua é não fazer distinção entre bons e maus. Como dizem: o bom não traz uma estrela na testa. Porém, cabe a você se dar uma chance de descobri-la ou não. Sentir-se traído por acreditar em alguém que não deu valor à sua estima, é muito ruim. Porém, pior ainda é passar o resto da vida levando no peito um coração endurecido. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro - 16/10/1949.

“Viver sem fronteiras não é tão simples como se propaga. O mundo é curvo e os caminhos estão propensos a se cruzarem inevitavelmente, exceto pelas construções de barreiras feitas pelo homem. Vivemos num mundo conectado, completamente desconectado de si mesmo. Na procura incessante do EU, olhando apenas para fora, buscamos nosso lugar no mundo sem nunca termos olhado para dentro. Sem saber que nosso lugar no mundo pode ser qualquer um, quando encontramos nosso verdadeiro lugar dentro de nós mesmos. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro - 17/10/1949.

“Você já viu o nascer do sol sem nada dizer? Sentiu o alívio da chuva e a paz que um céu estrelado pode proporcionar? Já sorriu ao ver crianças correndo antes do portão da escola se fechar e se lembrou de como você reclamava por acordar cedo para estudar? Já disse alguma vez que ganhou o seu dia, por um simples elogio ou sorriso recebido? Se você disse sim, parabéns! Se disse não, preste mais atenção às coisas que a vida lhe oferece todos os dias. Há mais beleza nelas do que seus olhos podem ver. A simplicidade que há no belo é incrivelmente grandiosa. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 18/10/1949.

“Do mesmo modo que você decide o que vê, o que escuta e o que faz, você também decide o que entra em seu coração. Se algo lhe faz mal, é porque você deu a importância devida para que ele o fizesse. Cuide do que entra em seu espírito, com igual ou maior zelo que tens ao seu corpo. Uma alma doente num corpo são, é como uma embalagem bonita que abriga um produto vencido. “

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro – 19/10/1949.

“Nós somos gestos e palavras. Pensamentos e ações. Somos livros sendo escritos, implorando correções. Somos versos sem rima. Somos ímã, e atraímos para junto de nós o que ofertamos. Antes de pensar em ter, pense em ser. Em ser mais feliz consigo mesmo. Em ser mais gentil, mais verdadeiro, mais paciente e mais honesto com seus próprios princípios. Sendo isto, você terá muito mais do que imagina ter. Pois as principais coisas da vida não têm preço, mas detêm um valor inestimável. “



## Capítulo 21

As publicações de Jack, pouco a pouco foram ganhando mais adeptos. Simples mensagens, muitas vezes pequenas no tamanho, mas gigantes em significado.

Na noite do dia 18 para o dia 19 de outubro, mais um sonho uniu o casal de forma intensa. July o havia acompanhado em todos estes dias e lhe servira de estímulo. Muitas das vezes lhe incitava pressentimentos sobre as mensagens que deveria escrever para o jornal. Naquela noite ao adormecer, Jack se deparou com a jovem sentada sobre sua cama, logo ao lado de suas pernas. Com o rosto virado em sua direção, os cabelos lhe escondiam parte da bochecha esquerda.

Jack sorriu e a abraçou carinhosamente. Partiram dali para o espaço. Nenhum lugar é limitado para um espírito livre. Mesmo em estado de sono, somos libertos para percorrermos os diversos lugares do universo. Um elo, espécie de cordão, nos uni ao nosso corpo. Isto é verdade, mas sabemos que apesar de sua existência, gozamos de uma liberdade momentânea entre o fechar e o abrir dos olhos.

O casal repousou seu corpo fluídico sobre a Basílica de São Marcos em Veneza, Itália. Contemplando a praça que leva o nome do mesmo santo, conversaram sobre o futuro tendo como única companhia naquele momento, a construção símbolo da arquitetura bizantina.

- O que será de nós daqui para a frente, July?

- Nossas vidas tendem a se aproximar cada vez mais, Jack.

- Como sabe disso com tanta certeza?

- Estando nós no estado de espírito, temos alguns sentidos mais aguçados e vemos o que, quando estávamos ligados à matéria, não víamos.

- Interessante. Quanto tempo será que ainda falta para que possamos de fato estarmos juntos?

- Não posso lhe dizer certamente. É contra as leis. Mas perante a eternidade da existência, você perceberá que não passarão de 15 minutos.

- 15 minutos para a felicidade. – disse ele.

July com um sorriso nos lábios, apenas confirmou e pôs-se a flutuar novamente. Era hora de voltar.

- Por que não ficamos mais um pouco? – perguntou ele.

- Você terá um longo e importante dia pela frente. Sua inspiração na próxima publicação terá efeitos grandiosos para todo o seu país.

- Como assim?

- No fundo você sabe, Jack. Fique tranquilo. Você fará o que tem que fazer. Eu estarei ao seu lado o tempo todo.

- Tudo bem!

- Vamos, você precisa descansar agora.

- Só mais um passeio por estas ruas magníficas, por favor. Nunca tinha vindo aqui antes. É lindo, não é mesmo?!

Sorrindo, July concordou.

- Sim, Jack. Realmente é muito lindo! E veja bem, as ruas, na verdade são canais de água.

- É verdade... - surpreso.

- Será que voltaremos aqui algum dia? - perguntou ele.

- Basta querer!

O ônibus urbano acabava de fechar sua porta em frente ao prédio onde residia o mais novo colunista do Correio Soviético, quando este desceu as escadas rumo a mais um dia de estágio. Sentado à sua mesa, não entendia porque July havia dito que sua inspiração no dia de hoje seria especial para todo o país.

Por volta das 4 da tarde, após longas e improdutivas horas ali sentado, já com a redação do jornal bastante vazia, sua mente foi invadida por um desejo um pouco diferente do tom que carregava suas mensagens anteriores. Desta vez, continha um cunho político. Com um lápis nas mãos, pôde apagar e reescrever cada uma de suas impressões, e assim como fizera quando teve sua primeira publicação no jornal, simplesmente deixou o papel sobre sua mesa para que o diretor Francklin pudesse ver e decidir se aprovaria ou não.

Manhã de 20 de outubro de 1949. Toda a União Soviética acorda sob rumores de algumas palavras do futuro de um tal de Jack Kotschy.

Correio Soviético, Coluna Palavras do Futuro -  
20/10/1949.

“Sob o temor de uma foice e um martelo, os homens vivem aniquilados em seus desejos mais íntimos. O vermelho traduz o sangue de inúmeras vítimas, inocentes ou não, que foram arrebatadas por uma forma de governo que busca a uniformidade, uma igualdade entre todos. Porém, não é bem isso o que ocorre. O amarelo na bandeira pode servir para indicar a vergonha provocada pela submissão presente em cada um dos cidadãos soviéticos. Parece que todo símbolo sobreposto e cruzado, encravado num pano vermelho, deva ser sinônimo de repressão e de angústia.

Não passamos de peças sem qualquer importância num quebra-cabeças onde constamos apenas como um número qualquer. Um RG, talvez. Um código secreto sem qualquer vontade, sentimento ou desejo. Recriminados por nascermos numa “sociedade livre”, onde soldados escoltam sua privacidade e o governo controla até mesmo sua forma de bocejar.

Por falar nisso, já está me dando sono este assunto pra lá de perturbador. Vivemos um pesadelo, e acordar para a vida é o melhor que podemos fazer. Largue seu travesseiro e ponha-se de pé para lutar pelos seus devidos direitos. “

Não era segredo para ninguém que o Correio Soviético era um jornal contrário ao governo. Mas apesar disso, nunca tinha feito um ataque tão explícito ao governo de Stalin. Isso com certeza não passaria em branco.

Em Moscou, a notícia caiu como a bomba atômica sobre o território japonês. Com um tapa sobre a mesa de seu escritório, o

chefe de tropas do governo, coronel Slatanov, ordenou uma busca na sede do Correio e mais:

- Tragam-me quem escreveu este artigo. O quero vivo!



## Capítulo 22

Em Vilade, Ana e Sebastian cultivavam o campo quando sentiram um vento fresco lhes acariciando a face. Olharam um para o outro como se sentissem a presença de July. Era exatamente ela que estava ali ao lado dos pais, numa espécie de visita surpresa.

Acharam por bem, se dirigirem ao cemitério da família na esperança de estarem mais próximos dela. Quietos, ao lado das pedras que cobriam o corpo da jovem, pai e mãe se abraçaram enquanto sentiam um carinho que não era proporcionado pelos seus corpos unidos. July resolveu aparecer para os pais que tomaram o melhor susto de suas vidas.

- Oh, meu Deus! Veja, Sebastian.

- July, minha filha! - disse ele.

- Meus pais... Fico feliz por estarem orando por mim. Estou bem! Podem acreditar. É gratificante que vocês venham ao encontro do meu antigo corpo, mas saibam que para estarem em contato comigo, basta apenas que pensem em mim. Não importa o lugar em que estejam.

Ana chorou neste momento. Sebastian a acompanhou logo em seguida. July, depois de estender a mão na direção de seus pais e tocá-los, se despediu e partiu. O casal Belgram permaneceu ali por mais alguns instantes. Pareciam não acreditar no que havia acabado de acontecer.

\*\*\*\*\*

Em Leningrado, Dereck foi avisado de que um destacamento de soldados de Stalin estava marchando rumo à sede do jornal. Avisando o diretor Francklin, este ordenou o esvaziamento do local, levando cada um o que conseguisse. Jack tomou algumas folhas em branco de papel ofício e canetas.

- Isto é tudo o que você consegue levar, Jack? - perguntou Francklin.

- Isto é tudo o que preciso, senhor.

E saíram correndo de lá cerca de 3 minutos antes da chegada dos soldados. O décimo quinto passo já havia sido dado no momento da publicação da matéria, agora a contagem regressiva começaria a todo vapor.

- Revirem tudo! Queimem o que virem pela frente! - ordenou o chefe da operação.

Ao chegarem próximo a uma pequena mesa no fim de um corredor de outras mesas maiores, um dos soldados viu um bilhete escrito a pouco tempo:

“ 14: A sombra dá forças à luz. Minhas palavras ecoam no vazio de seus atos. ”

Correndo pelas ruas da cidade, Francklin viu a fumaça se destacar por sobre os prédios na direção da sede do jornal, do qual foi o chefe durante tantos anos. Jack adentrou rapidamente no

restaurante de Afanasi e causou estranhamento nos presentes ao passar veloz e ofegantemente pela porta de entrada.

- Pai, preciso que saiba de uma coisa.

- O que foi, meu filho? Por que está nervoso desse jeito?

- Parece que minha última publicação no Correio Soviético não agradou muito o governo e estão à minha procura.

- Meu Deus!

- Pois é, pai. Já colocaram fogo na sede do jornal e creio que devam me procurar nos lugares mais óbvios. Sugiro que o senhor feche o restaurante e fuja com a mãe e a Stacy. Diga a elas que nunca me esquecerei delas e que gosto muito de cada uma.

- Para onde vai, meu filho? Nós ajudaremos você!

- Não posso lhes causar mais problemas. Não se preocupe comigo. – deu um abraço afetuoso em Afanasi e logo após se despediu de Ekaterina que estava na cozinha do restaurante.

- Fuja, pai. Vá para casa e proteja as mulheres da sua vida. – disse Jack já se virando e saindo correndo pelo restaurante, levando sua inseparável mochila nas costas, com algumas folhas e canetas nas mãos.

Passando em frente a uma vitrine que expunha brinquedos infantis, Jack parou abruptamente e repousando as folhas por sobre um banco de madeira que se encontrava na calçada, pôs-se a escrever. Em seguida, molhou as pontas do papel com sua própria saliva e o colou no vidro da pequena loja.

“13: Nossa infância deu lugar a uma maior idade de compromissos. As armas ocupam mais a mente das crianças do que seus próprios sonhos. Lutem pelo que motiva suas vidas a cada novo nascer do sol.”

Os soldados comunistas começaram a correr pelas ruas de Leningrado numa caçada implacável ao autor das últimas publicações do Correio. Nada nem ninguém poderia manchar a imagem do comunismo no território Soviético. A supremacia de Stalin dependia inteiramente de sua imagem intocada e isenta de críticas.

No prédio onde residia a família de Jack, Afanasi já havia dado a notícia a todas e se preparava para sair, quando percebeu a aproximação dos homens do governo.

- Droga! Eles estão chegando pela frente do prédio.

- O que faremos agora? – perguntou Matryona.

- Venham! Vamos sair pela saída de incêndio na parte de trás do edifício.

À medida em que os soldados subiam as escadas de concreto pela frente do prédio, a família descia as escadas de ferro no sentido oposto ao deles. Cada apartamento foi revistado. Todos os moradores presentes em seus lares naquele momento, sofreram interrogatórios. No apartamento de Jack, encontraram fotos e registros de que o local havia se tornado deserto a pouco tempo.

- Capitão! Olhe! – disse um soldado ao ver a fuga da família pela saída de incêndio.

- Peguem-nos! – ordenou.

Stacy correu o máximo que pôde e acenou para o primeiro carro que veio em sua direção. Logo, seus pais chegaram perto de si.

- Por favor, senhor... Precisamos de sua ajuda. Nos tire daqui! – disse Afanasi.

- Entrem, rápido! – disse o motorista do carro ao perceber que soldados comunistas desciam às pressas pelas escadas de ferro do prédio bem ao lado de onde o carro se encontrava.

Passando apressadamente por uma banca de jornais, Jack percebeu que alguns exemplares do Correio ainda estavam disponíveis para venda. E sem que o jornaleiro percebesse, deixou sua décima segunda mensagem:

“12: Palavras podem ser apagadas, mas o que elas deixam na memória, não. Quando o mundo calar a minha voz, deixará a marca que o tempo não passou. Eu sou a voz do silêncio.”

Olhou para todos os lados e correu para bem longe, entrando em uma construção abandonada no fim de uma rua estreita e sem muitos vizinhos. Estava ele novamente de encontro com recordações de seu passado, no qual viveu anos dessa mesma maneira, fugindo dos nazistas. Agora o inimigo era outro. Mas, assim como seu pai lhe pedira, estava ele tentando de sua forma, contribuir para fazer a diferença como podia.

A noite começava a cair e Jack, sentado sobre o chão frio da casa, não sentiu a aproximação de July, que havia se tornado seu anjo guardião.

- Não se preocupe, querido! Vai dar tudo certo! – sussurrou bem baixinho no ouvido do jovem rapaz que mais do que nunca, lutava para concretizar sua missão.

## Capítulo 23

O carro levando os fugitivos do governo acelerava o máximo que podia. Em sua cola, um comboio de outros 5 carros a uma distância que os mantinha sempre no campo de visão. Neste momento, até o motorista que resolveu ajudar a família, corria perigo. No banco de trás, Stacy apertava o encosto do banco dianteiro do carona. A aflição tomava conta de seus corpos e o nervosismo era evidente.

Olhando para trás, Matryona percebeu a aproximação do primeiro carro. Tiros já podiam ser ouvidos, quando Afanasi, olhando pelo espelho retrovisor à sua direita, viu o mesmo se estilhaçar devido a uma bala que o atingira em cheio.

- Pé na taboia! – disse o motorista e logo após completou.

- Olha, eu não sei o que vocês fizeram não, mas com certeza boa coisa não é.

- O pior é que não fizemos nada, meu amigo. Nosso filho escreve para o Correio Soviético e hoje publicou um texto que não agradou ao governo.

- Como chama o seu filho?

- Jack. Jack Kotshy. Ele escreve a coluna Palavras do Futuro.

- Meu Deus! Adoro as palavras dele. Minha mulher que sofre de uma terrível depressão, melhorou consideravelmente desde que leu as primeiras palavras dele. Faz pouquíssimos dias, é

verdade, mas os efeitos que a Segunda Guerra deixou em sua mente estão muito enraizados. Com o tempo, tenho certeza de que as palavras de seu filho ganharão ainda mais força na vida dela.

- Tá tudo muito bonito, tenho um orgulho danado do meu maninho, mas vamos correr minha gente!!!! - exclamou Stacy, muito aflita.

No segundo carro do comboio, o coronel indagou se entre os fugitivos havia o menino escritor.

- Não, senhor. Identificamos um casal mais velho e uma jovem apenas.

- Devem ser da família.

Naquele mesmo momento, outro grupo de soldados fazia uma varredura pela cidade. Logo, logo chegariam até à construção onde Jack estava escondido.

- Já sei! - disse o motorista.

- O que foi? - perguntou Afanasi depois de levar um susto com o grito do mais novo amigo.

- Vou levá-los para o porto. Lá será mais difícil de encontrá-los.

A luz da rua adentrava a construção abandonada e Jack agradecia esta gentileza oferecendo mais algumas palavras ao papel em branco. Palavras estas que espalharia pela cidade. Ouvindo o som de coturnos socando o chão, percebeu que a aproximação de soldados comunistas era iminente. Decidiu tomar

outro rumo, não antes de pregar na porta de entrada mais uma de suas mensagens.

“11: A verdade só incomoda aos que se aliam à mentira. A raiva é causadora de lágrimas. Vocês, pobres soldados, têm famílias que choram e carregam no peito o peso de muitas dores alheias. Ajam com o coração! Ser submisso é estar fadado ao escravismo para sempre.”

Dentro do carro, a família de Jack permanecia aflita e apreensiva pelo desfecho daquela tensa perseguição. Haviam conseguido se distanciar um pouco mais, quando finalmente chegaram ao porto da cidade.

Todos desceram rapidamente e outros tiros foram percebidos.

- Senta o dedo neles, soldado! - pediu o coronel.

O pobre homem que não teve tempo nem de dizer seu nome, saiu cantando pneus pelas dependências do porto, enquanto a família corria para dentro de um dos galpões.

Os carros do governo pararam e diversos homens armados puseram-se na busca. Atrás de uma pilha de caixas, os três permaneciam imóveis. A respiração ofegante não poderia lhes trair naquele momento. Stacy tentava diminuir a frequência de suas inspirações e expirações, para provocar o mínimo de ruído possível. Qualquer mínimo assóvio provocado por um deslocamento de ar, já seria o suficiente para chamar a atenção.

Tarde demais. O ar que provocou o desequilíbrio de um pequeno pedaço de madeira, repousado sobre a pilha de caixas,

com cerca de 50% de seu tamanho para fora, não foi emitido por nenhum dos pulmões ali presentes, mas pelo ar que desceu de um buraco no teto.

O som da madeira caindo foi o suficiente para que os soldados que vasculhavam o galpão, se virassem instantaneamente para a fonte emissora de som e apertassem o gatilho sem parar. Uma saravada de tiros adentrou cada uma das caixas que espirraram litros e litros de vinho nas mais diversas direções.

Afanasi, Matryona e Stacy, correram abaixados para os fundos e saíram por uma brecha na madeira. Fim da linha. Só tinham o mar para onde fugir.

- Venham! - disse Afanasi, agarrando as mãos de ambas e se atirando ao mar com sua mulher e filha.

Os soldados ainda chegaram na beira do porto e deram mais alguns tiros para se certificarem de que ninguém sairia vivo dali. Sob ordens do coronel, retornaram as buscas a Jack. Imergindo novamente com o fôlego quase no fim, pai, mãe e filha estavam a salvo. Mas no peito, faltava ar e sobrava angústia com relação ao que seria de Jack, caso os soldados conseguissem encontrá-lo.

## Capítulo 24

Soprando em seu ouvido, July conduzia Jack sem que ele percebesse. Naquele momento, ela era sua intuição. Já perceberam quando pressentimos algo que não tínhamos imaginado antes? Pode ser nosso anjo guardião falando conosco através do pensamento.

Jack seguiu por ruas pequenas e escuras, para que sua presença fosse mais dificilmente notada. Num poste de esquina com a luz piscando intermitentemente, colou seu papel de número 10.

“10: Felizes os que encontram seu papel na existência. Sua intuição, não é apenas uma intuição. O acaso, não acontece por acaso. Atente-se para a vida!”

Procurando um lugar para passar a noite, encontrou um terreno baldio com um pequeno telhado. Parecia uma casinha de cachorro um pouco maior. Deitou-se e apoiou a cabeça sobre a mochila. Percebeu que os soldados tomaram o sentido oposto ao que se encontrava naquele momento, e pôde assim, dormir um pouco mais aliviado.

July, sempre ao seu lado, lhe apareceu mais uma vez nesta noite. Bastou que o jovem adormecesse, para que seu espírito pudesse conversar com sua amada novamente.

- O que será de mim, July?

- Não tenha medo! Eu estarei sempre com você.

- Eles vão conseguir me pegar? Você consegue ver isso?

- Não posso lhe dizer, querido. Mas tenha a certeza de que nada do que sofrer aqui na Terra será em vão. A recompensa é proporcional ao mérito.

July sabia qual seria o desfecho daquela história que ela acompanhava a quase uma década, desde quando era apenas uma criança em Vilade. Jack teria que terminar sua jornada de cabeça erguida. Atenderia o desejo de seu pai e deixaria seu nome na história. Não na história de um país, mas na história da vida de cada uma das pessoas que foram tocadas por suas palavras.

O sol começava a raiar e era hora de partir. Com o dia claro, seria bem mais difícil de conseguir despistar os soldados comunistas. Acordando lentamente, limpou os olhos e bateu por entre os ramos de capim do terreno. Subiu seu olhar por cima do muro quebrado para se certificar de que a rua não lhe oferecia perigo.

Saiu sorrateiramente e de forma discreta, para que não levantasse suspeita. Já no centro de Leningrado, percebeu a aglomeração de oficiais e tentou disfarçar sua presença. Tarde demais. O governo já tinha todos os seus dados em mãos e a foto de Jack era compartilhada em cada canto da União Soviética. Correndo em busca de uma solução, com diversos homens em sua caça, virou a esquina e ao encontrar um monte de jornais caídos, provavelmente levados pelo vento, teve uma ideia. Ao lado, um boné e um casaco meio gasto, repousavam sobre o banco da calçada. Na certa, devia pertencer a algum morador de rua que desistira de seus pertences. Com casaco no corpo, boné na cabeça e jornais nas mãos, Jack esperou a chegada dos comunistas fazendo o papel de jornalista.

- Boa tentativa garoto, mas não vai nos enganar mais.

O oficial já falou lhe agarrando pelo pescoço, enquanto que outros dois lhe amarravam as mãos. Seus jornais caíram ao chão juntamente com suas folhas de papel ofício. O vento tratou de espalhá-las e uma senhora de idade que via àquela triste cena, apanhou o papel que dizia:

“9: Nem todos entenderão o significado das palavras. Mas é importante que nunca se deixe de escrevê-las. “

Levado com brutalidade até o carro do exército, Jack seguiria até Moscou para ter uma conversa, frente a frente com Slatanov.

- Só não lhe matamos aqui mesmo, porque ele o quer vivo. - disse o soldado.

Jack engoliu seco e permaneceu imóvel, quieto.

- Acha mesmo que pode insultar o governo e sair impune, garoto? - insistiu o soldado.

Jack seguiu calado como se estivesse num interrogatório e só falasse na presença de seu advogado. Juntamente com ele dentro do carro, July acompanhava cada passo dado em direção ao desfecho daquela história. Repousando as mãos sobre o ombro do garoto, às vezes lhe acariciando a face, tentava levar um conforto ao espírito, já que o corpo sofrera e teria muito ainda para sofrer.

“8: Mesmo os dias cinzas são belos. Eles com certeza trazem uma carga enorme de ensinamentos que não conseguimos

enxergar num dia de sol. A monotonia ensina na mesma proporção que a alegria diverte. Basta compreendê-la. “

Assim chegou a mensagem voando pelas ruas da cidade, até às mãos de um casal que brigava por seu relacionamento ter caído na rotina.

Já na estrada, Jack tinha seus olhos vidrados num ponto fixo do carro. Sentado no meio do banco traseiro, com um soldado em cada um de seus lados, fixou um ponto no vidro dianteiro e ali o deixou por um longo tempo. Em seu interior, o pensamento que mais lhe vinha era: “eu fiz o que pude, meu pai”. “Não me abandone, July”.

Enquanto isso, Afanasi, Matryona e Stacy voltavam a pé para casa. Com certeza os comunistas não voltariam para lá novamente. Preocupados, não sabiam se voltariam a ver Jack em suas vidas. Um ao lado do outro, sozinhos na rua contra o sentido do vento, seguiam quando um papel branco colou no rosto de Stacy.

“7: 7 dias na semana. 7 notas musicais. Do pouco fazemos muito. De uma casa, um lar. De amigos, família. De uma chance, uma eterna gratidão. Ame quem te ama! “

- Mãe, pai... Vejam isto. Só pode ser de Jack.

Olhando atentamente o pedaço de papel, pararam por um instante a caminhada e se emocionaram ao imaginar o que poderia ter acontecido a ele.

Na praça próxima ao local onde fora pego pelos comunistas, suas palavras foram enfim “entregues” aos seus destinos.

Curiosos, diversos transeuntes abaixaram-se e recolheram uma folha cada um. Em seus olhos o sentimento de que as Palavras do Futuro não se restringiriam àquele momento presente. Estariam vivas para sempre dentro de cada um deles. E que as cinzas do Correio Soviético, consumido pelas chamas, não haviam destruído mais do que máquinas e matéria inerte. A verdadeira essência continuaria a existir.

Perceberam o papel que cada um exerce na vida. Apesar do que o corpo sofre, a essência continua com o espírito. Assim como o perfume que é líquido e evapora, sua fragrância é imperceptível aos nossos olhos, mas podemos senti-la mesmo assim. E mesmo que todo o perfume se esvaia, será possível perceber sua presença.

“6: Não reclame se a vida está difícil. Agradeça pela oportunidade que ela está lhe dando de se tornar alguém mais forte.”



## Capítulo 25

Chegando na sede do governo em Moscou, Jack foi levado pelos soldados até a sala do coronel, que agia pelos interesses do governo. No mesmo instante em que uma pequena criança mostrava a sua mãe o papel de número 5.

“5: Somos eternas crianças perante a eternidade da existência. Temos muito o que aprender, mas nem por isso devemos nos eximir da virtude de ensinar.”

\*\*\*\*\*

- Então foi você quem escreveu aquela coisa toda no jornal?  
- perguntou Slatanov.

- Sim.

- Como alguém tão jovem consegue ser tão insolente?

- Como alguém tão velho consegue ser tão arrogante? - retrucou.

- Como ousa, seu moleque?! - disse ele pouco antes de lhe dar um soco com toda a sua força.

O supercílio de Jack havia se aberto. O sangue descia em sua face e July bem ao seu lado, se entristecia pela cena que via.

“4: Muitas vezes não entendemos o porquê das coisas. Lutamos para conseguir algo e a vida nem sempre nos retribui

como gostaríamos. Mas tenha sempre a certeza de que ela nos dá o que é melhor para nós. “

- Está vendo meu filho?! É exatamente o que digo para você. Às vezes você quer uma coisa que eu sei que não é o melhor para você, e lhe dou aquilo que acho o certo. A vida faz o mesmo conosco. - disse um pai ao mostrar o papel que encontrou na rua, para o filho birrento que queria tudo ao seu modo.

\*\*\*\*\*

- Porque escreveu aquilo sobre o governo?

- Por que um dia, meu pai me pediu para que fizesse a diferença no mundo.

- E acha que fará alguma diferença caluniando o comunismo? - risos irônicos.

- Só plantei uma semente. A árvore germinará, crescerá e as futuras gerações ficarão incumbidas de colher os frutos.

- Fala bonito! Estudou oratória, foi?

- Não, senhor. Meus pais morreram num campo de concentração nazista e as principais aulas que tive, foram na vida.

- Bom... Você já sabe que o jornalzinho onde você escrevia virou pó, não sabe?

- Vi a fumaça.

- Pois então... O que acha que farei com você?

- Pouco me importa o que fará com meu corpo. Eu sou muito mais do que carne e ossos.

- Olha que insolente. Então não vai se importar se eu fizer isto, não é?

Slatanov retirou seu charuto da boca e colocou contra a face de Jack, até que este lhe queimasse.

- Sentiu dor? – perguntou.

Com uma expressão de sofrimento na face, Jack afirmou.

- Sim. Não disse que não sentia.

\*\*\*\*\*

“3: Que sejamos mais atentos aos sinais que a vida nos dá. Pois, mais importante do que uma "fórmula" encontrada em livros antigos sobre como viver, é entender o que a própria vida nos ensina todos os dias. “

- Nunca tinha parado para pensar que a vida nos dá sinais. Sempre trabalhando, correndo, sofrendo pelas dificuldades... Vou me atentar mais a isto. – palavras de um pai de família que só vivia para trabalhar e pensava que desta forma, estaria dando um futuro melhor à sua família.

\*\*\*\*\*

- O que o senhor pretende fazer com ele? – perguntou o soldado responsável pela operação.

- Matá-lo, é claro. – respondeu o Slatanov.

Jack olhou para as paredes do lugar. Gravou cada uma das formas que compunham os detalhes artísticos da construção. July estava com o rosto grudado ao seu, lhe acariciando o espírito com sua presença.

O garoto olhou para baixo e observou como suas botas estavam velhas.

- Estranho, há alguns dias atrás elas me pareciam mais novas. – disse ele para si mesmo, inconscientemente.

- Você é apenas um garoto, mas não podemos fazer distinção. – disse o coronel após lhe aplicar mais um soco no estômago.

Jack chegou a inclinar seu corpo para frente de tanta dor.

- Tirem-no daqui. Vocês já sabem o que fazer. – ordenou.

- Venha, pirralho. – disse outro soldado.

\*\*\*\*\*

“2: Perdoe! A mágoa é um mal que atinge somente a você. O perdão é um bem que se estende a todos. “

A penúltima mensagem foi lida no instante em que Jack caminhava com as mãos amarradas para trás, rumo a um caminho completamente deserto.

- Vá embora, garoto! Suma daqui.

O oficial do governo parecia lhe ajudar a fugir? Era isso mesmo o que estava acontecendo? Jack havia sido levado para um

lugar inóspito. Um sentimento de esperança e incredulidade digladiavam em seu interior ao mesmo tempo em que corria para longe. O oficial então, empunhou sua arma na altura dos olhos e efetuou 3 disparos.

\*\*\*\*\*

“1: Ame!”

A última mensagem acabara de ser lida. Era a menor de todas, porém, com o maior significado.

\*\*\*\*\*

Jack se levantou e viu seu corpo estirado ao chão. Tinha 3 furos de balas nas costas. Olhou em volta e percebeu a aproximação dos soldados que não viram se não o seu corpo caído de braços sobre a terra batida.

- Deem um fim nisso. - ordenou o coronel.

Sentindo uma paz enorme, virou-se para trás e viu July de braços abertos em sua direção.

- Mas como pode? Eu não estou dormindo... Como posso vê-la?

- Agora você está no mesmo estado que eu, Jack. Poderemos enfim, ficar juntos!

Se abraçaram pela primeira vez, verdadeiramente desprendidos de qualquer laço que os ligava ao mundo material. Subiram, e uma luz branca se fez presente aos seus olhos.

Jack havia feito o seu melhor por um mundo melhor. Muitas pessoas pensam que seus esforços serão inúteis e não fazem nada para mudar algo que não acham de acordo. Inútil mesmo é não fazer nada. Não viemos a passeio. Cada um de nós tem uma missão no mundo. Cabe observarmos e compreendermos os sinais. Não é tão difícil quanto parece.

## Capítulo 26

Já no plano espiritual, pôde ver como tudo é diferente e como na Terra as pessoas não tem a menor noção do que as espera do outro lado da morte.

- É assim para todo mundo, July?

- Como assim?

- Todos os que morrem vêm para cá?

- Não, todos não. Uns precisam depurar seus espíritos primeiro. Outros nem mesmo chegam até aqui e pedem uma nova reencarnação em seguida para reparar seus erros passados.

- Interessante. – breve pausa enquanto olhava em volta.

Parecia uma colônia espiritual, muito semelhante ao paraíso que pregam na Terra. Porém, ninguém está em estado de contemplação. Todos trabalham. Engana-se quem pensa que o espírito repousa eternamente como se estivesse aposentado para sempre. O mérito de todos os vivos é conquistado pelo trabalho. Com os espíritos, seres fluídicos que nunca morrem e que animam os corpos materiais, não é diferente. O mérito deles também é obtido através do trabalho. Mas, principalmente o trabalho voltado para o próximo, para o bem e para o adiantamento moral e intelectual de cada um.

Um filme passou pela cabeça de Jack. Sentou-se num banco de madeira sob uma árvore, juntamente com July. Lembrou-se

fielmente de sua última existência. De sair para brincar e ser levado pelos nazistas. Do cheiro de pólvora. Dos canhões explodindo tudo o que viam pela frente. Dos aviões arremessando bombas. Do momento de separação definitiva de seus pais naquele campo de concentração.

De tudo o que teve de passar para sobreviver sozinho após sair de Auschwitz e perambular pelas ruas em busca de abrigo, comida e amigos. Encontrou Manuel, dono de padaria que o ajudou como podia. Jack não podia reclamar dos amigos que encontrou mesmo. Foi criado como filho por Afanasi e sua família.

- Por falar em Afanasi, como será que ele, Matryona e Stacy estão?

- Veja você mesmo, Jack.

Dezenas de pessoas estavam em frente ao prédio da família com folhas brancas nas mãos e conversavam entre si. Diziam que tais palavras só poderiam ter saído da mente do garoto que lhes mostrou um caminho mais bonito e ameno para trilhar a vida. Agradeceram à educação que Afanasi e Matryona deram a ele, e foram respondidos da seguinte forma por Afanasi:

- Não ensinamos nada a ele. Pelo contrário, aprendemos todos os dias. Ele era um garoto muito especial.

Afanasi usou o verbo ser no tempo passado, pois o governo tratou logo de espalhar a notícia sobre o que tinha acontecido com Jack, para que servisse de lição para todos.

- E meus pais, July? Será que os verei aqui?

- Aqueles que estão vindo ali servem? – disse ela sorridente.

Jack mal podia acreditar no que seus olhos acabavam de ver. Ernest e Judith, seus pais de sangue que há anos não via, estavam vindo em sua direção com o melhor dos sorrisos no rosto.

Ele correu na direção dos pais e estes o abraçaram por um longo tempo. Não precisavam dizer nada. Apenas o contato das almas já era suficiente para sanar todas as perguntas e respostas possíveis.

- Você cresceu, meu filho! – disse Judith.

- Pois é, mãe. – risos.

Quando o corpo morre, o perísprito, envoltório do nosso corpo fluídico, conhecido como espírito, mantém as aparências de nossa última existência. Vários anos haviam se passado e Jack crescera bastante. Já era um adolescente quase adulto.

- Eu fiz o máximo que pude, meu pai.

- Filho! Você é o meu maior orgulho. Não tenho palavras para descrever a alegria que sinto de ter podido ser seu pai nessa última passagem pela Terra. Você fez a diferença sim! A vida de cada uma daquelas pessoas tocadas pelas suas palavras não será mais a mesma daqui para a frente.

- Obrigado, meu pai! São coisas tão simples... Basta observar os sinais que a vida nos dá e colocá-los em prática.

A família permaneceu junta por algum tempo, até que o casal de pais decidiu deixar os jovens um tempo a sós.

- Vocês têm muito o que conversar agora. – disse Judith ironicamente enquanto saía com Ernest, sorridentes.

- Acho que não temos muito o que conversar agora, não é mesmo July?

Ela fez que sim com a cabeça e se aproximou. Seus “corpos” se uniram e os lábios de ambos se encostaram. Finalmente o beijo tão aguardado aconteceu. Suas almas irradiaram uma luz ainda mais forte. O amor faz isso. Ilumina tudo à sua volta. Contagia a todos com o melhor dos sentimentos. A caridade, atenção, zelo, afeto, carinho... Todos são vertentes do amor, e este casal detinha todos esses cuidados um para com o outro.

Quase uma década convivendo de forma surreal. Quando alguém imaginaria sonhar com outra pessoa que vive não em outro país, mas em outro planeta? Parece ser a história mais louca do mundo, e com certeza deve ser mesmo. Mas já lhe disseram alguma vez que nada é impossível para aquele que crê? Pois então... Quantos mistérios envolvendo o universo estão ainda ocultos para nós? Será que vale a pena duvidar que uma história como essa seria possível de acontecer? Creio que não.

- O que será que fomos em outras vidas, July?

- Nós vivemos num período considerado medieval na história terrestre. Éramos um casal muito bem sucedido e vivemos numa região linda da Itália. Você acumulava algumas expiações de outras existências e decidiu pedir uma prova nessa vida. Sofrer foi a sua escolha para depurar suas falhas e fazer a diferença foi a missão extra que lhe foi imposta. Você se saiu muito bem em ambas.

- Nossa... - Jack interrompeu, surpreso.

- Eu, muito ligada às coisas da época, reencarnei num planeta que ainda vivia sob os sistemas rudimentares, muito semelhantes aos do período medieval da Terra. Quando casados, eu sentia um ciúme doentio de você e não suportava de maneira alguma, ficar longe de ti. Minha prova, foi passar uma vida completamente longe, porém com um dom especial que me permitiria acompanhar todos os seus passos, sem ao menos poder chegar perto de você.

- Minha nossa!

July gargalhou pela resposta do amado ex-marido e agora, futuro namorado. Caminharam por horas. Tudo parecia novo, mas aos poucos o jovem foi recobrando sua memória.

- Este é o verdadeiro mundo, Jack. Você se lembra disso?

- Sim. Estou me recordando.

- Jesus já disse quando passou pela Terra: “Meu reino não é deste mundo.” Era a este mundo que ele se referia ser o seu verdadeiro reino.

- Tem razão. Será que ficaremos aqui por muito tempo?

- Bom, querido... A necessidade de reencarnar é evidente. O tempo aqui não é o mesmo que na Terra, você bem sabe.

- Sim, eu sei.

- Então. Ficaremos aqui o tempo que Deus achar necessário e quando for o momento certo, ele dirá o que temos que fazer.

- Não queria me separar de você novamente...

- Também não queria, mas saiba que nós nunca ficaremos longe um do outro por muito tempo. Somos almas simpáticas. Nos atraímos instintivamente.

- Tomara a Deus! - Jack a abraçou carinhosamente e permaneceram assim, juntos por um longo tempo.

## ANOS MAIS TADE

- Fomos chamados para reencarnar, July.

- Sim, meu amor.

- Promete se lembrar de mim e me achar onde quer que estejamos?

- Só se você prometer também. - sorriu.

- Por mim já está mais do que prometido. - breve pausa para algumas carícias.

- Vejo que você vai nascer numa família muito boa.

- Você também, Jack. Dessa vez pelo menos estaremos no mesmo planeta. Vai nos ajudar bastante. - risos.

- Com certeza.

Ambos se despediram no momento em que o processo de ligação da alma com o corpo dos recém-nascidos se completou. O cordão havia finalmente se conectado. Agora suas vidas estavam novamente propensas a se encontrarem, ou não.



## Capítulo 27

Nova York, Estados Unidos. Quinta-feira, 14 de fevereiro de 2002. Era o Valentine's Day, dia em que os americanos comemoram o amor. Tradicionalmente conhecido como o Dia dos Namorados, tinha seu nome inspirado em Valentine, mártir cristão que recebeu a homenagem do Papa Gelasius I no ano de 496. A tradição de demonstrar amor, ganhou força na idade média e se estende desde então ano após ano.

O arquiteto Brian Mcquena, solteiro, 22 anos de idade, seguiu para um café na ilha de Manhattan. Eram pouco mais de 8 da noite. No caminho, passou por uma banca de cartões e decidiu comprar um, mesmo sem ter para quem dá-lo.

Entrou no café, sentou-se no balcão e pediu um expresso e uma caneta. Do lado de fora, Sophia Collins, figurinista dos estúdios de Hollywood, solteira, 22 anos de idade, estava indecisa. Sozinha, não tinha para onde ir nem com quem compartilhar uma data tão importante para os amantes do país. O jeito seria se contentar com um café mesmo. Olhou para o outro lado da rua e viu a cafeteria que adorava frequentar. Porém, o trânsito lhe impedia de atravessar até lá.

No balcão, Brian tomava mais um pouco do café expresso bem quente, e desenhava no cartão com uma mensagem de amor que acabara de comprar. Do lado de fora, o vento apertou e Sophia achou por bem entrar no café que estava com a porta bem ao seu lado mesmo.

- Desta vez não lhe darei a preferência. Quem sabe eu goste do café daqui também? – disse ela olhando para o estabelecimento do outro lado da rua, como se a construção pudesse lhe entender.

Chegando no balcão, apoiou sua bolsa sobre ele e pediu à garçonete:

- Um café expresso, por favor!

Ao ouvir aquela voz, Brian parecia ter sido invadido por uma descarga elétrica que tomou conta de todo o seu corpo. Virou-se para a sua direita e viu aquela linda mulher. Cabelos negros e longos. Pele sedosa e dona de um corpo esguio, curvilíneo e sedutor.

Repousou a caneta sobre o balcão e virou-se para ela. Sophia, quando percebeu que alguém a observava e resolveu se virar também, arregalou os olhos e internamente agradeceu por ter escolhido tomar o café em outro estabelecimento aquela noite. Ambos disseram ao mesmo tempo um para o outro:

- Você!

Parecia inacreditável, mas a história estava se repetindo. Sophia sentou-se, abaixou a cabeça enquanto sorria e recostou sua testa sobre as mãos. Os braços estavam arqueados verticalmente sobre o balcão e seu lindo cabelo caía sobre ele. Em seguida, olhou novamente para Brian e disse:

- Você não vai acreditar, mas sonho com você desde pequena.

Ele pegou o cartão que havia acabado de comprar e lhe entregou. Nas costas do mesmo, tinha um desenho feito à caneta ainda com a tinta fresca. Sophia o pegou, olhou nos olhos de Brian e disse:

- Mas esta sou eu...

- Você não vai acreditar se eu disser que também sonho com você desde pequeno, vai? – risos.

Ambos não acreditaram no que estava acontecendo. Pediram a conta e saíram dali juntos. O relógio da parede do café marcava 8:15 da noite. Sophia sugeriu:

- Vamos ao Central Park?

- Sim! Claro! Será que chegamos lá em 15 minutos?

- Quem sabe... 15 minutos para a felicidade, não é mesmo?

- A felicidade já existe!

Brian a segurou pela face e lhe deu o beijo que marcaria o reencontro daquelas almas mais uma vez. A noite do dia 14 de fevereiro de 2002 marcou a vida do casal para sempre. Casaram-se e tiveram 2 filhos: Jack e July.

E você, acredita em seus sonhos? O que é impossível demais que não possa ser realizado? Não sabemos nada ainda dos mistérios da vida, portanto, faça o melhor que você puder para concretizar seus objetivos e lute, lute sempre pelo que motiva sua vida e faz vibrar todos os seus sentidos e emoções.

Fim.

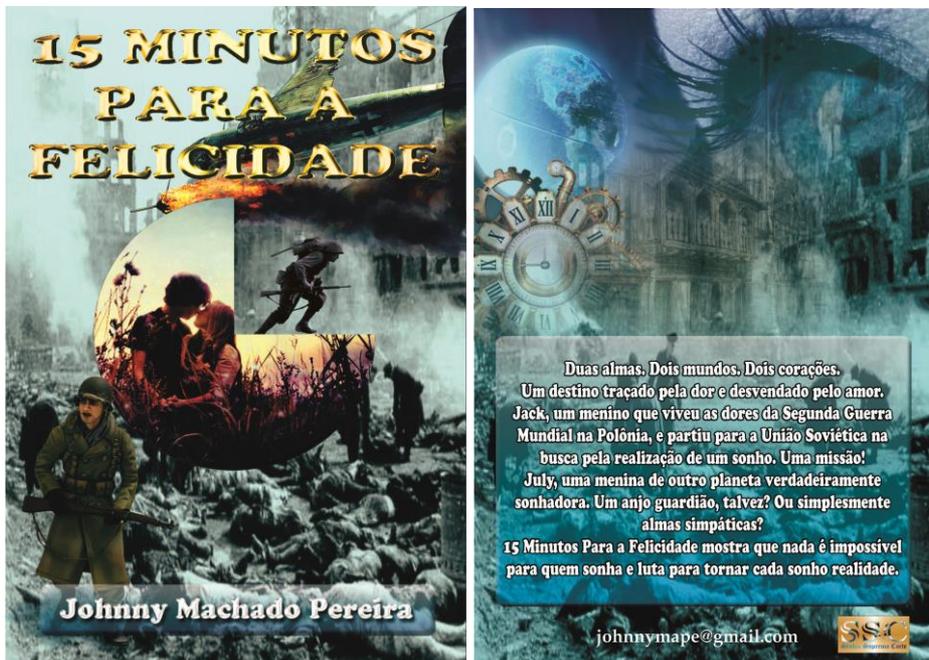


# 15 Minutos Para a Felicidade

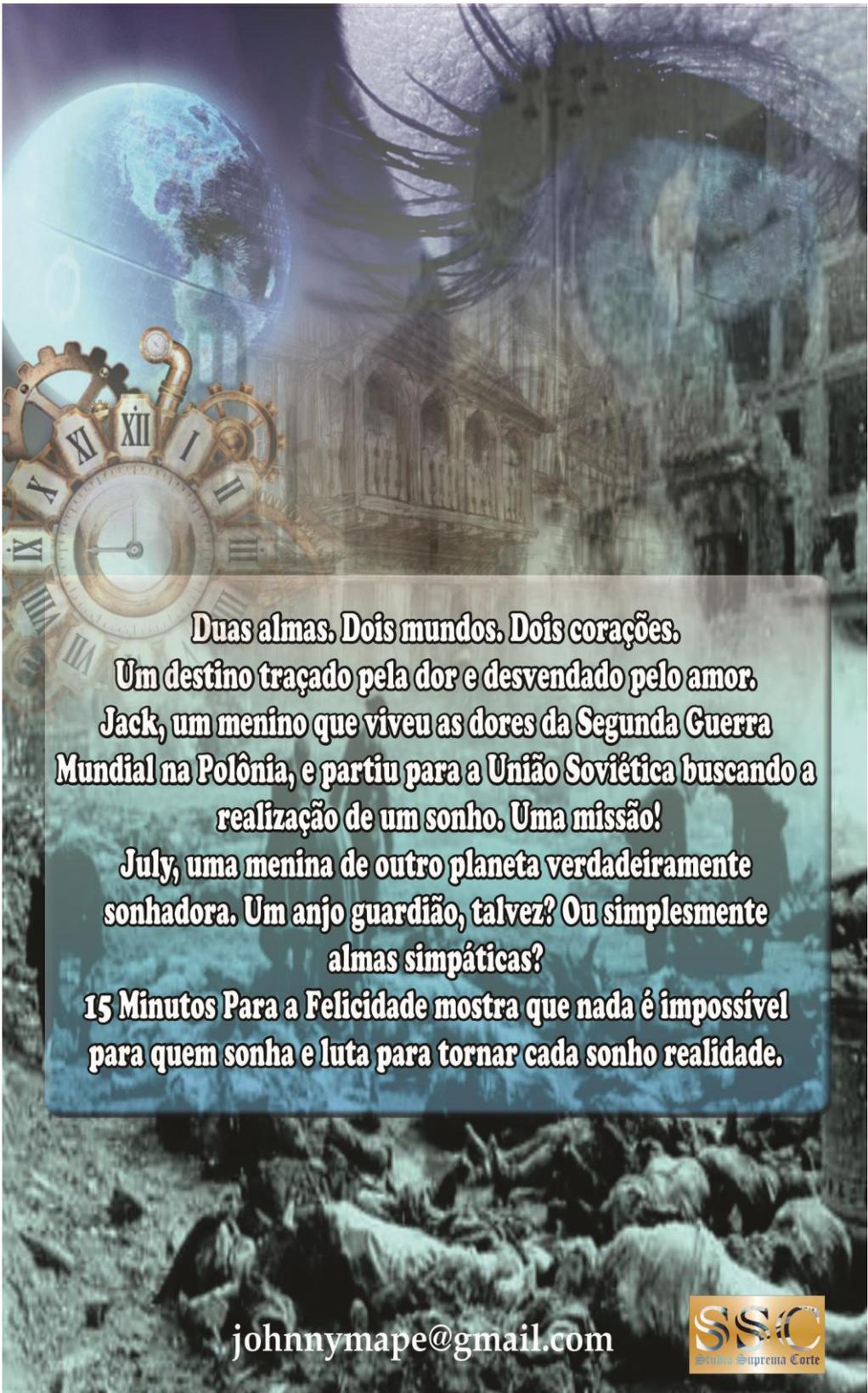
Todos os direitos da obra literária reservados à: Johnny Machado Pereira

Ano: 2016

Bicas – Minas Gerais.







**Duas almas. Dois mundos. Dois corações.**

**Um destino traçado pela dor e desvendado pelo amor.**

**Jack, um menino que viveu as dores da Segunda Guerra Mundial na Polônia, e partiu para a União Soviética buscando a realização de um sonho. Uma missão!**

**July, uma menina de outro planeta verdadeiramente sonhadora. Um anjo guardião, talvez? Ou simplesmente almas simpáticas?**

**15 Minutos Para a Felicidade mostra que nada é impossível para quem sonha e luta para tornar cada sonho realidade.**

[johnnymape@gmail.com](mailto:johnnymape@gmail.com)

